

A photograph of a desk with various items. In the foreground, there is a black ashtray with a lit cigarette. Behind it are two packs of 'EM' brand cigarettes, one of which is open. A yellow lighter and a magnifying glass are also visible. In the background, a pen holder contains several pens and pencils. The text '440hz' is overlaid in a stylized font.

440hz

Eder Capobianco Antimidia

Produção Caseira e Distribuição Aleatória

Eder Capobianco Antimidia

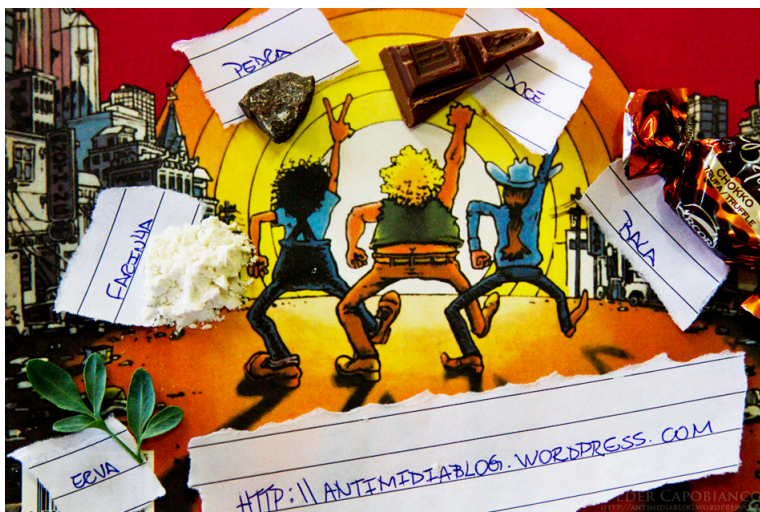
440hz

Rumo à lugar nenhum...

Tags | 440hz, antimidia, antimidiablog, cotidiano, conto, coletânea de contos, literatura contemporânea, literatura marginal, literatura urbana

Hashtag | #440hzrumoalugarnenhum

2016 © Produção Caseira e Distribuição Aleatória



Este e-book foi diagramado em formato A5 (148 mm x 210 mm), e contém 28 contos escritos por Eder Capobianco Antimidia e publicados na rede de blogs AntimidiaBlogs.

:: Foto da capa e capa | Eder Capobianco Antimidia
:: Diagramação | Eder Capobianco Antimidia
:: Textos | Eder Capobianco Antimidia

ANTIMIDIA, Eder Capobianco. *440hz*. Assis, SP:
Produção Caseira e Distribuição Aleatória, 2016.

eder.capobianco@gmail.com
<http://antimidiablog.wordpress.com>
<http://www.flickr.com/antimidia>
#antimidiablog

2016 © Produção Caseira e Distribuição Aleatória

Sumário

Introdução	6
Super-herói, geleia e a voadora dupla	8
Começo de carreira	13
Bebida, diversão e balé	18
Como mandar dois quarteirões para o espaço	22
Exprovado	28
All Star #40	31
Um encontro furtivo com Deus	36
Rolê de terça a noite	41
Fatos Cotidianos 19 – Vítimas e culpados	46
As taças quebradas e o vinho derramado	51
História para boi dormir	57
Ressaca mutante	62
All Star #33	66
E eles foram felizes para sempre...	71

Os abutres e a carne fresca	75
It's only Rock'n Roll	79
All Star #34	85
O buraco espacial e os pigmeus destemidos	90
Fim dos meus dias	93
Ratos e ninhos de amor	96
All Star #39	101
Perdendo tempo e ganhando a vida	105
The dream is over again	113
Passagem só de ida para o inferno	118
Ovelhas desgarradas andando no trilho do trem	123
Manhãs de 2002	128
Espantalhos perdidos em busca do anzol de ouro	137
Fatos Cotidianos 6 – Perdendo as estribeiras	142

Introdução

Para formigas. O sistema funciona para formigas. Elas trabalham coletivamente, obedecem uma hierarquia. Vivem muito bem organizadas no formigueiro e estão prontas para suportar qualquer tipo de acidente do destino. Se reorganizam socialmente e sobrevivem independente do pote de açúcar estar aberto em cima da mesa ou não. Para abelhas também, o sistema funciona. Todas dão duro pela rainha, produzem litros de mel e ainda tem a responsabilidade de polinizar o mundo. Possuem táticas coordenadas de defesa da colmeia e ataque ao inimigo. Trocam a vida por uma ferroada, que sozinha não é mais que uma dor passageira. Formigas e abelhas nascem com um conhecimento acumulado que permite que a espécie se perpetue eternamente, e se adapte as intempéries da vida, sem que isso ocasione uma grande mudança em sua sociedade. Parecem satisfeitas com isso. O homem não.

“Olhe para a merda do mundo. É exatamente a mesma merda que há em você: a besteira, a cobiça, a raiva, a violência, a arrogância, o ciúme, o medo, a autodestruição, a vergonha. Se você se culpa, você é só um covarde. Se acusa os outros, o mundo, o sistema, os estrangeiros, e sei lá o que mais, você é um verdadeiro covarde. Mas se você se recusa a ver a merda, você é o pior dos covardes. A coragem está em ficar na merda. Trabalhar com ela. Aceitá-la tal como é. Ver que é vazia. Sentir no mais íntimo que a merda é um sonho de merda.”

Pierre Lévy | O fogo liberador

Super-herói, geleia e a voadora dupla

Eram quase meia noite e o tumulto limitava o ringue formado no meio da praça. A multidão estava disposta em círculo, se aglomerando e gritando por sangue. Dois caras trocavam socos e pontapés como se aquilo fosse um duelo de morte, mas sem uma donzela para o vencedor. Neb se aproximou e foi se enfiando no meio da massa humana. Dois caras ficavam recolhendo o dinheiro das apostas enquanto o lado animal dos apostadores afluía através de expressões de ódio e brados de guerra. Um dos lutadores caiu e o outro ficou cambaleando. Então um dos bookmakers entrou no centro da roda e levantou o braço direito do que ficou de pé cambaleando. “Marreta! O nosso campeão!” O povo se dividia entre o “foi marmelada” e o coro de “Marretada! Marretada! Marretada!” Dois peões entraram no picadeiro e retiraram o perdedor como se ele fosse um saco de bosta encharcado de sangue. O Marreta pegou uns trocados com o bookmaker e saiu se arrastando para cair num banco um pouco mais à frente.

“Vamos para a próxima luta desta noite: pagando 2 para 1.....Sangue nos Olhos contra Punhos de Aço!” Sobe o som da platéia ovacionando os gla-

diadores e um gigante aparece de um lado do corner dando socos na própria cabeça e urrando como uma loba no cio. No outro canto um magrelo fortinho pulava de um lado para o outro apoiando a mão no chão como um primata desafiando todo bando. Não tinha juiz, nem conversa, nem regra. Mas antes do fight o bookmaker entrou no meio do ringue e convocou: “Quem vai para o próximo páreo?” Um gordão com cara de estivador surgiu do meio da torcida derrubando dois ou três lorpas e estufou o peito como quem diz “chegou o macho alpha”. “Alguém aqui acha que pode vencer o He-Man!?” Neb pediu licença para um pedreiro que estava na sua frente e deu dois passos curtos com o braço levantado. “Eu.” Fez-se o silêncio, e todos olharam quietos por um segundo para aquele gordinho de um metro e setenta e 100kg de geleia. No segundo seguinte todos riam e apontavam para Neb. “Para de brincadeira.” “Chama um homem para brigar.” “Tira este bibelô da vovó daí antes que ele se machuque!” Neb não mudou sua expressão e ficou olhando fixo para o bookmaker. “Você sabe onde esta se metendo?” Ele perguntou. Neb acenou que sim com a cabeça.

A batalha começou e Neb ficou num canto observando os primeiros momentos do combate entre Sangue nos Olhos e Punhos de Aço. Eram um grandão lento e um magricelo articulado se testando. Pareciam

estar trocando socos amigavelmente até que um conseguiu derrubar o outro e a coisa esquentou. No meio do empurra-empurra Neb sentiu alguém puxando seu braço para fora da agitação. Era um dos bookmakers. “Vamos fazer um acordo: você cai quando levar o primeiro soco e te pago e mesmo que pago para os vencedores. Não quero mortes aqui, elas atrapalham os meus negócios.” “Acho que não vou morrer aqui hoje.” O bookmaker deu um sorrisinho irônico. “Você que sabe. Mas antes de começar a briga saiba que o perdedor não leva nada, e você ainda tem tempo de sair daqui sem nada e andando.” Depois disso ele começou a agitar a mão com o maço de notas e voltou para o meio da baderna. Neb chegou até o limite do círculo e viu que os Punhos de Aço não eram o suficiente para abater o Sangue nos Olhos. O sonho acabou num gancho de baixo para cima que fez o maxilar dos Punhos chacoalhar como uma máquina de lavar roupa velha.

Dois palermas levaram o perdedor desmaiado para longe. Sangue nos Olhos se propôs a lutar mais um round. O oponente seria um velho mau encarado e com marcas que diziam que esta não seria a primeira vez que ele se arriscava a levar uma surra. Antes de anunciar a próxima briga o bookmaker olhou para Neb como quem diz: é sua última chance. Ele levantou um pouco as mangas da camisa e virou o boné para trás.

“Do meu lado direito, pagando 2 para 1, o esmagador de ossos He-Man!” O brutamonte estufou o peito e gritou com gosto: “Vou acabar com você monte de banha. Você nunca mais vai conseguir andar!” E a galera apoiava. “Mata, mata, mata.” Discretamente, Neb tirou um pó branco do bolso e mandou tudo para o nariz. Depois começou a se contorcer como um robô enferrujado. “Do meu lado esquerdo, pagando 20 para 1, o desacreditado Peixe Ensaboado.” Ele entrou no círculo debaixo de risadas, mordendo a gengiva e com a boca escorrendo sangue. “Volta para lagoa senão vai virar abóbora esmagada!” “Hoje vai ter peixada!”

O bookmaker abandonou o ringue e o He-Man acertou dois jabs de esquerda em Neb, que não tentou desviar nem acusou o golpe. O brutamonte levantou os braços chamando a galera e começou a fazer chacota. “Vamos lá, você já tinha que ter caído.” Neb não se mexia muito, apenas se contorcia e mascava a gengiva. Vieram então mais dois jabs e um cruzado de direita que fizeram Neb bambiar no rumo do chão e fazer malabarismo para não cair. “Acabou marreco, sua hora chegou.” He-Man foi para cima com raiva e urrando. Neb abriu passagem para o touro, mas deixou o pé no caminho. O grandão tropicou e foi direto para a galera, que o impulsionou de volta para o centro da roda. Incorporando as habilidades de Shawn Michaels Neb deu uma voadora dupla na boca do

estômago do big boy, que caiu para trás como uma banana podre e começou a se retorcer com falta de ar. Com uma agilidade inesperada ele levantou e bateu um tiro de meta na cabeça do He-Man, que dormiu na hora. O silêncio que se seguiu foi atormentador. Neb virou ofegante para o bookmaker, que estava parado com a boca aberta e a mão para cima cheia de dinheiro, numa espécie de transe. Lentamente ele entrou no ringue e anunciou o vencedor. Neb pegou o pagamento do campeão e saiu se contorcendo.

Começo de carreira

Sandra entrou na sala e foi bater o dedo. Quando levantou a cabeça leu no quadro: “o importante não é vencer todos os dias, é lutar sempre!” A primeira coisa que pensou foi que importante era aquele tipo de mensagem não estar ali. Não era um escritório com espaços para um central de telemarketing, ao contrário, os atendentes não tinham nem um cubículo próprio. Todos se sentavam lado a lado numa mesa horizontal grande. Contando que mesa são três tábuas de madeira cobrindo as três paredes da sala. Tudo era improvisado. Privacidade não era um conceito levado em consideração pelo arquiteto de toda aquela desorganização. Para se manter o mais longe possível dali o melhor jeito era evitar o contato visual. Cabeça baixa e foco.....não havia muito futuro para ela naquela situação. Isso porque sua mãe estava com 65 anos e não conseguia mais trabalho e seu pai havia sumido muito tempo antes. Não tinha muito para pensar.

Assim que ela logava o computador apareciam uma lista de números de telefones com uma de nome do lado. Havia três cores: vermelho – nunca atende; amarelo – nunca comprou; verde – velhinhas simpáticas e carentes que conversariam até com um cavalo

se ele conseguisse fazer a ligação. Cada cor tinha uma pontuação: 5 – 3 – 1. Cada vez que alguém atendesse uma ligação você marcava, e se vendesse o pacote de seguro para itens de cozinha inquebráveis se ganhava o dobro de pontos. A meta mensal era de 200 pontos. Se a soma total de todos os seus esforços fosse menor que a metade disso você recebia uma advertência. Duas advertências seguidas viravam, na mão do advogado, demissão por justa causa. E era a metade do mês, e ela tinha 47 pontos e vontade nenhuma de continuar.

Para começar o dia ela selecionou a opção random, que discou para ela um número de cor lilas, que ela nunca tinha visto na lista. “Bom dia Senhor. O Senhor estaria interessado em escutar uma proposta especial para o Senhor da Seguros Inúteis S.A.?” “Só se você escutar a minha com muita atenção depois.” “Não entendi Senhor.” “Você fala, e depois falo eu. Começa.” “Pensando no seu bem estar e em proteger seus valiosos itens domésticos, a Seguros Inúteis S.A. montou um pacote especial para o Senhor. Por apenas R\$ 0,79 por mês, cobrados na sua conta de água, toda sua prataria, cristais e talheres estarão protegidos. O Senhor se interessa pela proposta?” “Não. Mas se você tiver menos de 25 anos e mais de 18 posso fazer você ganhar por semana o que ganha por mês. A Senhorita se interessa pela proposta?” “Que?” “Esta

ligação esta sendo gravada, então se quiser mais detalhes vai ter que sair daí e vir até aqui.” Sandra anotou o endereço num pedaço de papel e colocou no bolso.

A primeira coisa que pensou foi que jamais trabalharia como prostituta. No alto dos seus 21 anos sua experiência não ia além de dois namorados e um primo. Não era a garota mais recatada de todos os tempos, mas também não era nem um pouco atirada. Em seguida vieram os cálculos, o que era possível fazer ganhando quatro vezes mais? Dava para ter celular com Internet 3G, televisão fininha no quarto e até comer no McDonald’s sempre. Pagava os remédios da sua mãe e ela ia poder ter um forno e uma cafeteira elétrica. Ia voltar a fazer bolos, doces e salgadinhos para vender e tudo ia ser como nos tempos da escola. Quando saiu para o almoço a primeira coisa que pensou já não era tão importante quanto as centenas de outras possibilidades que se avinhavam, que iam desde um trabalho secreto temporário até posso ficar milionária.

Depois de três dias Sandra se encheu de coragem para se encontrar com Esmeraldo. Ele ficava num hotel perto da Rodoviária do Tietê que tinha um luminoso gigante escrito “sauna”. Quando ela desceu do metrô sentia que todos olhavam para ela e sabiam para onde ela ia. Passando pelas garotas nos postes da Prestes Maia pensou que não queria trabalhar na rua.

Esmeraldo também achou que ela tinha potencial para mais. Fizeram algumas fotos dela num dos quartos do hotel. “Você fica com este celular. Sempre que tiver um programa vou te ligar com o endereço e você tem uma hora para estar lá. Esteja sempre pronta. Você recebe o dinheiro e trás minha parte aqui, que é de 50% no começo.” Não tinha muito para negociar. Os valores estavam bem acima do que ela estava acostumada a receber por qualquer trabalho e não ia precisar ficar na rua nem numa boate.

Eram quase onze horas da noite quando o telefone tocou com o primeiro cliente. Sandra tomou o táxi e parou um quarteirão antes do Mequissudi Plaza. Enquanto caminhava planejava o que ia falar quando chegasse, como pediria informação para o porteiro e se teria que subir pelo elevador de serviço. Sem nenhuma dificuldade, e sem nenhum dos questionamentos que tinha imaginado, estava na porta do apartamento 2332. Tinha um bilhete escrito: “Entre sem bater”. Ela parou por alguns segundos, respirou fundo e abriu a porta.

O cliente era um empresário, de não mais que quarenta e poucos. Já estava bêbado e pelado, o que assustou um pouco Sandra. “Vou até o banheiro me arrumar.” “Não precisa de nada disso Neném.” Ele agarrou ela e a jogou na cama gigante. Sem saber muito o que fazer ela esperou ele tomar a iniciativa.

Ele veio ajoelhando na cama gigante e enfiou o pau na boca dela. Sandra começou a chupar toda desajeitada e quando menos esperava ele gozou na sua garganta. Nunca ninguém tinha gozado na boca dela, que não aguentou. Primeiro tentou cuspir, mas logo começou a vomitar em cima dele. Com toda coragem de um bêbado que paga por sexo o cliente enfiou a mão na cara dela. “Sua porca nojenta!” Ela caiu da cama e começou a chorar. Também descontrolado ele começou a gritar. “Some daqui sua vagabunda!” Apavorada ela pegou sua bolsa e saiu desesperada pelo corredor. Foi socorrida por uma camareira, que a levou para um banheiro. Depois de passar algumas horas chorando num dos cubículos ela saiu, se limpou, e voltou para casa.

Bebida, diversão e balé

A pressão baixa + o calor + o álcool me fizeram desidratar na cama. Deve ser por esse tipo de coisa que estou fadado a acordar o resto da vida sozinho. Ainda assim me parece mais negócio continuar nadando no meu próprio suor à levantar e encarar a vida com tudo que ela tem para me dar. Não tenho certeza se sou gente de verdade. Me falta vontade. Sobra fobia. Talvez eu seja uma mistura de filho da puta com escroto. O telefone começa a tocar e espero a secretária eletrônica atender. Poderia ter uma versão eletrônica de mim para sair por aí fazendo tudo que eu tinha que fazer. “Você me ligou para encher o saco, não espere que eu retorne....piiiiiii.....” “Ei! Neb! É o Tony. Me liga quando puder....precisamos falar sobre o recital na escola das freiras, já é depois de amanhã. Abraços!” Precisamos nascer de novo. Desta vez como o Tom Cruise ou o Brad Pitt. É disso que precisamos. Acabei de decidir que hoje é feriado.

Meu cheiro berrava que eu devia tomar banho, meu corpo pedia um banho, mas eu preferia um café com cigarro e um pouco de rádio. Não tinha uma panela limpa, então esquentei a água numa caneca de alumínio. “(Narrador 1) Em São Paulo a Câmera dos

Vereadores vota hoje o projeto que pretende criar um pedágio para pedestres no Viaduto do Chá. (Narrador 2) Além de aumentar a arrecadação da cidade, a polícia acredita que o pedágio pode diminuir a violência na região.” Claro que vai! Quem vai querer andar por lá pagando pedágio? Queimei a mão na hora de pegar a caneca e derrubei água no fogão para terminar de foder com tudo. Salvei o suficiente para uma xícara. “(Narrador 1) Voltou a chover dinheiro no Vietnã. (Narrador 2) Um empresário de Saigon, revoltado, preferiu jogar sua fortuna pela janela à pagar os impostos e tachas bancárias.” No único dia da história que valia a pena estar no antigo campo de guerra americano/soviético, eu não estava lá. Mas é bom fazer umas caminhadas pela Berrini, só para correr o risco. As notícias não estão ajudando. *Shhiii.....Shoennn.....innn....* “*go straight to hell boys; go straight to hell boys....*” O velho Clash era tudo que queria para embalar minha sesta pós cigarro com café.

Quando pensei que ninguém nunca mais ia lembrar da minha pesarosa existência, a campanha tocou. Fiquei sem me mexer no sofá uns segundos na expectativa de que fosse só um vendedor de bíblia sem persistência. Mas não. A campanha continuou. Depois da terceira vez comecei a acreditar que a alma penada não ia desistir. “E ai? Você é o Neb escritor?” Eram dois estudantes. Ao menos era o que pareciam.

“A gente lê seus poemas desde sempre, você é foda!” Estavam carregando um fardinho de cerveja cada um, mereciam alguma consideração. “A gente também escreve, e trouxe algumas coisas para você ver.” “Estão ruim.” “Mas você ainda nem viu.” “Se estiver ruim sou sincero o suficiente para dizer que esta ruim, se estiver bom vou ficar puto porque não fui eu que escrevi e vou dizer que esta ruim. Ainda querem entrar ou só vieram entregar a cerveja?” Os dois passaram pela porta procurando qualquer coisa que pudesse ser descrita como “oh, que legal isso!”, mas eu não tinha nada. Mesmo assim eles pareciam estar descobrindo um mundo novo. “Tem coisa escrita por toda a parede!” “Também escuto esta rádio!”

Peguei três latas e coloquei o resto no congelador. Voltei para sala e um deles tinha acendido um baseado. “Você mora aqui sozinho?” “Tenho alguns Aliens na cozinha, mas é como se eu estivesse sozinho.” “Sua casa é muito louca, dá para ver todos os seus poemas aqui.” Não me senti elogiado, e a linha bate papo fã/ídolo não estava fazendo a cerveja valer a pena. “Não me enche o saco. Se você der sorte daqui a pouco vai estar lendo Kits e Baudelaire, e achando que eu sou só um idiota. Ou você pode começar a ler Augusto dos Anjos e ser um próprio idiota.” Um olhou para o outro sem saber o que fazer. Demoraram uns três segundos para esboçar uma risada. “Você

não gosta de nada que é brasileiro, né?!” “Vocês ainda aprendem que o start da literatura brasileira foi a carta de Pero Vaz de Caminha? Por isso que a faculdade de Letras está abandonada.” “Do que você gosta?” “Isso de novo? De nada!”

Depois de me escutarem dizer que a Tropicália foi um movimento de burgueses hipócritas, e rock’n roll é uma atitude que o Elton John nunca teve, os moleques foram embora meio bêbados e achando que eu era quase um herói escondido na jungle. Até queria me sentir bem como tudo aquilo, mas para onde olhava a minha volta havia um sinal claro da minha imbecilidade. Poucos segundos depois que eles saíram a campainha tocou de novo. Pensei que meus fãs iam querer as latinhas que sobraram. Decidi que não abriria a porta. Já tinha pagado o preço do sucesso por hoje. Então escutei uma voz que parecia da Mary me chamando. “Neeeeeb!” Uma boa trepada era algo que não esperava neste dia cheio de indas e vindas, mas.....let’s go! Por um segundo acreditei que Deus estava olhando por mim. Abri a porta e me deparei com uma mulher grávida. “Oi Neb.” Ela parecia feliz. Virei as costas, peguei o telefone, e liguei para o Tony.

Como mandar dois quarteirões para o espaço

O cara achava que era o Rambo, com faixinha na cabeça, uma metralhadora e um monte de músculos. Ele parecia não entender que o Rambo era o Stallone interpretando um soldado surtado, e ele era só um traficante cretino, cercado por nórias imbecis, e tudo que ele sabia sobre coragem era apertar o gatilho. Depois de um tempo comecei a acreditar que estes caras imitam os filmes, que criam esteriótipos que facilitam o trabalho da polícia. E no clima de uma cena de Snatch, o pinto murcho e as bolas furadas saíram de um carro pequeno e batido sem ter a menor ideia do que estava acontecendo. Três velhos gordos, com ternos coloridos, saídos dos fundos da casa do Scorsese, desceram de um sedã que estava alguns metros a frente. Outros dois estavam numa mini van branca parada numa viela um pouco atrás do Cadillac FIAT. Ninguém ali parecia entender muito de negociações escusas em becos esquecidos a meia luz. “Quem é o motorista?” Perguntou um dos italianos, com uma mão penteando o bigode e um trinta e oito tipo Charles Bronson esmagado entre sua barriga e a calça sem botão. O Rambo levantou a mão como um aluno de

sétima série respondendo a chamada. “O freio não esta muito bom, precisa de umas duas bombadas antes da Van começar a parar.” O furgãozinho fodido se aproximou e parou do lado deles. “O que vocês tem que fazer é: entrega a Van, pega as maletas, e volta, certo?” Todo mundo balançou a cabeça para frente e para trás.

Uma bola furada e o pinto murcho subiram na Van, enquanto o outro voltou para a lata velha e foi seguindo eles. Nossos super-heróis do crime organizado andaram alguns quarteirões no sentido do ponto de encontro dois quando o líder da companhia presepada parou. A bola furada do banco do passageiro desceu e veio na direção da outra, que não entendia nada do que estava acontecendo e não tirava a mão de sua arma. “A gente estava pensando, e é melhor você ir na Van. Eu dirijo melhor que você para a fuga.” “Que? Você esta com medo e quer ficar no carro.....já esta tudo acertado, eu venci o par ou ímpar.” “Você também já atirou. A gente precisa de alguém experiente na linha de frente.” “Atirei porra nenhuma. Já disse que não fui eu que acertou aquele policial no assalto do motel. Foi o finado Marreta. Eu sai correndo pelo mato.” Os dois ficaram ali debatendo enquanto o mundo girava, e uma moto virou a esquina a toda velocidade. Os atiradores frustrados apertam suas armas entre os dedos enquanto o motoqueiro passou sem ter ideia do quão

próximo esteve de duas amebas. “Putá que parei! Isso não vai ficar assim! Vou querer um pouco da sua parte!” O motorista sai esbravejando para virar passageiro.

Ainda assim os três patetas tinham algum tempo, e antes de chegar ao destino da mercadoria houve uma parada para ir ao banheiro num posto de gasolina. “Ei, é droga mesmo que a gente está carregando? As caixas são grandes, e não parecem pesadas.” “Eles falaram que era. Agora que você quer conferir?” “Não vou mexer em nada, não. Vamos acabar logo com isso. Quero a grana.” O carro parou na esquina da entrada do beco, enquanto a Van entrou, e precisou de doze manobras para conseguir fazer a volta e estacionar de frente para saída. “Vai ficar mais fácil para eles caírem fora depois.” Alegou o pinto murcho, enquanto a bola furada reclamava do barulho que o motor daquela joça fazia. Ao mesmo tempo que o pinto murcho apertava sua faixinha na cabeça, e incorporava toda a inteligência de castor do Rambo, um carro preto brilhando entrou no beco. As mulas olharam uma para a outra e desceram da Van. Quatro engravatados vestidos como o Will Smith em MIB saíram das quatro portas que se abriram sincronizadamente. Os dois do banco de trás carregavam as malas. Os outros dois começaram a avançar na direção dos dois ladrões de motéis. “Calma aí parceiro. Quero falar com os dois das malas, fica

paradinho aí.” “Precisamos conferir a mercadoria.” “Tudo bem. Um de vocês dois vai lá com meu amigo ver. O outro continua longe.” Um dos MIB começou a andar na direção do pinto murcho, que olhou para o Rambo como quem berrava: “não quero abrir aquelas caixas!” O Rambo fez cara de bom senso, e um sinal com a arma, para que ele fosse.

Quando a porta do forjão se abriu o pinto murcho liberou a passagem para o MIB entrar como se dissesse: “não quero saber o que tem aí.” O MIB entrou, abriu a tampa das caixas sem nenhum esforço, checkou tudo, e saiu. Depois indicou com a cabeça para os outros que estava tudo como o planejado. Os MIBs das maletas se adiantaram e as entregaram para a dupla dinâmica, e elas sim estavam pesadas. A bola furada não estava preparado para aquilo e deixou a sua cair no chão. O barulho seco e duro chamou a atenção de todos, que prontamente mostraram suas caras de “meu Deus fodeu!”. Com as duas mãos para cima, e se preparando para ser fuzilado, ele se desculpou e com as mesmas duas mãos, e muito esforço, pegou a maleta. “Cuidado com o freio desta Van, precisa dar umas bombadas antes de parar”, ele ainda falou. Van e carrão preto saíram como se não tivesse trânsito. Rambo e o fracote entraram na lata velha desconfiados do peso da maletas. “Devíamos ter conferido o que tinha dentro delas como os caras. Você é muito burro! Não

é dinheiro que tem aqui!” “Porque você não falou isso na hora, gênio?” “Porque não era você que estava no comando, chefe?” “Ei! Vocês dois! Vejam o que tem nas maletas.” A bola furada que tinha ficado no carro resolveu que queria provar o seu valor. O trinco era simples, e eles deitaram as duas maletas no banco de trás e abriram elas simultaneamente. Tinham alguns fios, ligados a outros fios e uns blocos que pareciam massinha. Os três se olharam e o pinto murcho sentenciou. “Vamos nos livrar disso e pegar nosso dinheiro.”

No ponto de encontro um, os carcamanos do Scorsese já estavam esperando eles quando a lata velha apontou na viela. Os quatro rechonchudos italianos, e seus trinta e oitos de Charles Bronson, desceram do Cadillac FIAT rindo. “Ma que... não falei que eles eram bons. Dá o dinheiro deles que eles merecem Vini”. Do outro lado o pinto murcho, inflamado pela faixinha do Rambo, se postou a frente das bolas furadas, que seguravam cada uma uma mala. “Eu achei que estávamos aqui tratando de negócios, drogas, e não bombas. Para carregar bombas eu cobro mais.” Os bigodudos italianos não estavam mais rindo. “Te contratei para entregar uma Van e me trazer duas maletas. O resto não é problema seu. Vamos acabar com isso e comemorar o sucesso do nosso negócio com fettuccine e vinho.” Então o Rambo soltou um peido que inchou sua calça de couro. Os carcamanos do

Scorsese se assustaram e começaram a atirar a esmo. O Rambo foi o primeiro a cair cagado e cheio de bala. Se o Stallone visse teria vergonha de si mesmo. O pinto murcho que, supostamente, sabia atirar, se jogou no chão e começou a chorar. Algum dos carcamanos gritou “cessar fogo, porra!” Mas ninguém escutou. O pinto murcho cagão ergueu a maleta na altura do peito para se proteger. Uma bala perdida acertou a maleta e dois quarteirões inteiros foram varridos do mapa.

Exprovado

Seu Augusto era professor, e achava que a meritocracia era a democracia aplicada a nível de indivíduo. Para ele se alguém não tinha alguma coisa era porque não merecia, não tinha batalhado ou estudado o suficiente, não era digno, logo era um vagabundo. Quem escutava Bob Marley era maconheiro, rave era para jovens drogados e quem falava sobre Marx não merecia respeito. Gostava de ir à missa nos domingos de manhã, para que todos vissem que ele jamais acordava depois das sete. Morava numa casa grande, num condomínio, e dirigia um sedã, sempre, notavelmente, enceirado a mão. Também tinha uma casa na montanha, outra na praia e um sítio. Era o exemplo claro do que seu pai o fez crer que era o sucesso. Do ponto de vista de Seu Augusto qualidade de vida era um conceito vago que servia para justificar o fracasso.

Não usava roupa amassada ou tênis sujo. Estava sempre com um relógio de pulso. Aparava o cabelo, e a barba, semanalmente. Só tomava cerveja artesanal e fumava charuto dominicano, porque não queria colaborar com o regime cubano. Não via com bons olhos aglomerações ou festas populares. Não tolerava excessos. Acreditava, que, demonstrar felicidade em pú-

blico era, quase, uma fraqueza. Era adepto das novas tecnologias de comunicação e as usava para sempre estar por perto da sua família. Seu Augusto cobrava de seus filhos que eles fossem perfeitos. Exigia que sua esposa fosse discreta, e que sua faxineira usasse o uniforme sempre impecável. Seus pais o chamavam de Augustinho, forma que ele não permitia que mais ninguém se referisse a ele.

Para os vizinhos Seu Augusto era só um acadêmico, do tipo caxias metódico estudioso. Alguém que durante a faculdade não foi fundo na vida. Quando era garoto nunca roubou um salgado da padaria. Na escola deve ter sido daquela tribo dos inteligentes que passam despercebidos. Se mantinha longe de confusões e não se intrometia numa injustiça que não tinha sido cometida contra ele. Tinha crescido sem privações ou felicidade. Nunca era visto do lado de fora da casa ou do carro. Era a favor do impeachment, desde que isso fosse para mudar alguma coisa. Jogava xadrez, mas não considerava isso exatamente um esporte. Achava que Darcy Ribeiro e Paulo Freire eram agitadores. Seu Augusto não morreria por nenhuma causa nem ninguém.

Aprovava o casamento homossexual, desde que não fossem seus filhos. Era contra o aborto e a legalização da maconha, mesmo sem saber bem o porque. Via a publicidade como algo perverso, mas gostava

de assistir o jornal. Costumava resmungar baboseiras enquanto via televisão. Pagava seus impostos em dia e dizia que sonegadores tinham que queimar no inferno. Pedia CPF na nota fiscal toda vez que comprava alguma coisa. Gostava de O Processo e não entendia A Metamorfose. Respeitava hierarquias, e não fazia qualquer coisa que pudesse ser considerado errado perante a lei. Pensava que segurança era sinônimo de polícia na rua e bandido na cadeia.

O léxico de Seu Augusto era quase completo, e seu português perfeito. Não era obsessivo com limpeza nem organização, apesar de suas coisas estarem sempre limpas e no lugar. Fazia trabalho voluntário num asilo com receio de estar lá um dia. Gostava de cuidar de seu jardim e reciclava o lixo. Achava que diversão era acordar cedo e tomar café da manhã ao ar livre, antes de ler um bom livro. Não gostava de encontrar amigos antigos, nem de fazer novos. No trabalho os alunos zombavam dele por suas costas, os colegas preferiam não chegar muito perto. Tinha uma cordialidade formal que não deixava nem ele a vontade. Um dia Seu Augusto estava voltando para casa, depois do trabalho, e passou por cima de uma mendigo que pedia no semáforo. Estava chovendo, mas ele viu, e não parou. Só acelerou e seguiu em frente.

All Star #40

Quanto mais se aproxima do vestibular mais me sinto como uma sardinha enlatada, pronto para virar jantar restô d'Ontê numa faculdade cretina formadora de mão de obra, para exploração de quem pagar menos. Não sei muito bem porque, ou sei, mas as vezes sinto que meu futuro é tão incerto e cruel quanto o do Holden Caulfield em *O Apanhador no Campo de Centeio*. Também gosto de pensar numa coisa tipo *Mad Max*, onde um sobrevivente niilista tem que suportar a existência no meio do caos que sobrou. Sempre que saio da escola metade de mim fica feliz porque este martírio esta acabando, e a outra metade fica desesperado com o estouro da bolha. Como é sexta-feira, e o Dr. Prozac vai tocar no Tôa Tôa, só vou ser o Neb curtindo a vida adoidado. “Conversei com os caras ontem e eles vão tocar Lounge Act e Lithium do Nevermind,” estava subindo para casa com o Enrolado, que ia ver o show também. “Acho que estou precisando de um rolê assim. Vai rolar os docinhos?” “Vai! Vamos nos encontrar para comprar os ingressos a tarde na loja do Dé e depois resolver isso.” A Alina ia para a festa da Ana Paula e ele tinha sido liberado das obrigações pseudo-conjugais de não poder fazer

o que quiser. Nem fui convidado, não queriam drogas lá. Também não queria estar lá, prefiro o lado da cidade onde os pais não querem que os filhos estejam. Estava tudo apontando para um noite histórica. O Dr. Prozac mandando 1979, do Smashing Pumpkins, no Tôa Tôa, ia ser quase igual o Joe Cocker tocando With a Little Help From My Friends, dos Beatles, no Woodstock de 69.

Passei em casa só para almoçar e sai direto para a Curva de Rio Discos para comprar as entradas e encontrar o Enrolado. “O Dr. Prozac esta no estúdio ensaiando para hoje a noite. Eles estão arregaçando no Sex Pistols.” O Dé era casado, tinha filho e tudo mais. Não ia lá. Mas conhecia toda galera e a loja estava patrocinando o show. “Falei com o Jesus e o Mateus ontem e eles disseram que eles vão mandar uns Nirvanas e Ramones também.” “Eles vão fazer umas três horas de som, mais de trinta músicas! Vai ser animal!” Pegamos os ingressos e fomos em busca da cereja do bolo da noite. O LSD era tipo o tapete da sala do Big Lebowski, complementava o ambiente perfeitamente. Não sei muito bem porque, ou sei, mas as vezes me sinto meio Henry Chinaski, viciado em vícios. Mande uma mensagem para o Heraldo e ele disse que ia estar tudo em cima antes das três. Chegamos quinze minutos depois do combinado e ele não estava lá. Não que o doce fosse primordial para a noite, mas é

como ter um computador sem internet: você pode se divertir, mas poderia ser muito melhor. Mandeí uma mensagem para ele solicitando uma nova hora e outro ponto de encontro e fomos para casa esperar uma resposta e fumar um baseado. “Posso pegar umas anfetaminas da minha mãe se ele falhar”, para o Enrolado só o álcool e a maconha jamais seriam suficientes. Ele precisava de alguma coisa que elevasse a consciência a décima potência. “Eu tomo, mas só o Dr. Prozac com uns becks já segura a onda. Não precisa ser uma noite à la Feel Good Hit of the Summer”. Entre uma ideia de entorpecimento e outra o Tio do Doce confirmou por mensagem que encontrava a gente no ponto de ônibus para ir direto pro Tôa Tôa.

Tudo funcionou bem. O Heraldo estava no local e hora combinados. Dropamos o doce e fomos em busca do nosso Woodstock. Só tinha uma angústia estranha, que vinha corroendo meu estômago o dia todo, e só fui descobrir o que era quando entrei no rolê. “Eiiiiii!!!” Nem olhei em volta e a Julia veio correndo na minha direção com a animação de quem anunciava promoção de roupa em loja do centro da cidade. Tinha certeza que ela ia na festa da casa da Ana Paula com a Alina. Mas ela e a Paula preferiram a loucura do underground chic a carece dos fundos de uma casa grande num bairro bem iluminado. “Ei... você aqui? Que legal!” Não consegui disfarçar nem a

surpresa nem o desânimo. Tudo que não esperava era ver ela ali. “Nossa! Que animação.” “Tô muito chapa-do.” Nunca gostei de ir curtir o rolê no mesmo lugar que a Julia. Acabava sempre como filme romântico da sessão da tarde: ela bebendo e curtindo com algum idiota e eu me intoxicando com qualquer coisa que me fizesse parecer menos com Creep do Radiohead. Não sei muito bem porque, ou sei, mas as vezes me sinto como o Hans-Thomaz em O Dia do Curinga, sem entender porque o mundo gira. Me concentrei em esperar o LSD bater do outro lado do salão trocando ideia com uma galera que sei que ela não conhecia e não ia querer chegar perto. “Não existe mais sementes de milho e trigo que não sejam geneticamente modificadas. E não é porque a Monsanto inundou o mundo com isso, é porque milho e soja não nascem mais. Percebe o que isso significa?” Aparentemente o suco de cevada já falava pelo Abobrinha, e fazia sentido. “Daqui a pouco os professores de ciência da terceira série vão ter que pensar numa experiência diferente de plantar feijão. Pode até ser revolucionário, tipo as crianças aprendendo a montar microchips.....acho que na China deve ser assim”, completei, escutando a risada da Julia cada vez mais perto e alto, e sentindo a agonia crescer no estômago.

A banda subiu no palco, e sai correndo muito louco para o centro do furdunço quando os primeiros

acordes de Man in the Box, do Alice in Chains, tocaram o terror no planeta dos elefantes voadores que o LSD tinha transformado o meu cérebro. “I’m the man in the box.....buried in my shit.....won’t you come and save me.....save me.....” Eu gritava alto. Queria que a Julia escutasse. Queria que ela me salvasse. Queria que ele me visse como via o cara que ela estava beijando quando o Dr. Prozac mandava Basket Case do Green Day e eu berrava alucinado. “Sometimes I give myself the creeps.....sometimes my mind plays tricks on me.....it all keeps adding up.....I think I’m cracking up.....am I just paranoid?.....or am I just stoned?” Não sei muito bem porque, ou sei, mas sinto que a gente está conectado de alguma forma, como dois personagens da Clarice Lispector destinados a complicada felicidade. Não é uma energia idiota cósmica qualquer, ou o Modern Love barato do David Bowie. Parecia que era alguma coisa que a gente sentia um com o outro, mas não conseguia fazer nada sobre isso. Era como se fosse o fim para tudo e a resposta para todas as perguntas. Tenho um pouco de medo desta.....sei lá.....coisa. As vezes acho que poderia enfrentar todo este medo. Acho que ela também sabe disso.

Um encontro furtivo com Deus

Toda aquela situação bateu na minha cabeça como um rinoceronte mandando um rato para o espaço. Só queria estar a dez mil léguas submarinas daquela festa o mais rápido possível. Acho que iria até a puta que pariu se soubesse o caminho. Atravessei a rua aplicando a filosofia “pode passar por cima que não tô ligando muito não, o prejuízo maior é seu!” Go on! Foi o suficiente para assustar os motoristas e qualquer um que quisesse vir atrás de mim. Segui uns cinco quarteirões e virei à direita onde o cheiro de merda era mais forte e as chances de algum imbecil me enfiar uma bala na cabeça ou um canivete velho e cego no estômago eram bem grandes. Fuck! Fuck! Fuck! Sem perceber estava alucinadamente a caminho de casa procurando uma saída para não ficar lá sozinho. Então comecei a disparar mensagens desesperadoras de socorro pelo celular. “Hey Querida! Queria te ver, estou com saudades. Me liga.” “Hey Amor! Estou assistindo “Ghost” e lembrei muito de você. O que está fazendo?” “Hey Brother! Afim de tomar todas hoje?” Cheguei em casa antes de qualquer resposta e Deus estava sentado na sala, com a perna cruzada, apoiando uma mão esticada no braço do sofá e a outra perfilan-

do o encosto. Tinha um semblante tranquilo como o do Dalai Lama, os cabelos do Osvaldo Montenegro e a barba do ZZ Top. Vestido com uma túnica branca meio azulada parecendo manto de Nossa Senhora. Fiquei travado. Pensei que tinha morrido e não tinha percebido. Quase chorei.

“O que aconteceu?”

“Você precisa salvar a humanidade.”

“Eu? Que?”

“Esta vendo este anel?”

“Sim.”

“O portador deste anel tem os mesmos poderes que eu.”

“???”

“Apenas pegue o anel e pense em alguma coisa. Como um desejo.”

Peguei o anel e Deus desapareceu. Essa porra funciona? Num instinto impulsivo mandei Ele para casa do chapéu, e Ele foi? Deixei o anel escorregar da minha mão e cair no chão. Me arrependi instantaneamente. Sei lá, me desesperei, de novo, não sabia o que fazer, era muita responsabilidade. Eu? Salvar o mundo? A primeira coisa que me veio foi: “Some daqui!” Agora não dava para virar as costas e sair correndo. Esperei para ver se Ele ia voltar. Nada. Angústia. Nada. Fodeu! Nada. Perdón! Nada. Merda! Nada! NÃO! Nada. Abaixei para pegar o anel me sentindo

como uma barata que tenta fugir de um gato brincalhão, mas alguma coisa me parou. Não posso pensar enquanto estiver com este anel na mão. Olha o que fiz da primeira vez. Tenho que pensar a coisa certa! O que eu faço para salvar a humanidade, porra? Resolver os conflitos no Oriente Médio, transformar a África no Mundo Novo, acabar com a fome em todo planeta, expurgar os corruptos, reviver os dinossauros, detonar os bancos e offshores, legalizar a maconha e o aborto, deletar o Facebook, apagar o WhatsApp, extinguir as doenças, fazer todo mundo nascer inteligente, distribuir dinheiro, free love, liberdade, igualdade e fraternidade.....O QUE!? Não dá para salvar a humanidade de uma vez só, assim com um anel e boa vontade. É muita coisa para fazer em pouco tempo. Com certeza não era isso que Ele queria dizer. Convicto apanhei o anel do chão e desejei que Ele estivesse sentado ali novamente. Niente! Com mais força. Nothing! Essa porra não funciona? Rien! Aparece! Nadie! Larguei o anel no instante em que a frase “cadê Você filho da puta!?” começou a passar na minha cabeça igual o fundo de tela do computador.

Me afundei no sofá com as cinquenta mil bigornas que estava carregando nas costas. Depois de um cigarro, que não clareou minhas ideias, ajoelhei no chão e disparei a rezar Ave Maria e Pai Nosso com a palma das mãos juntas, com os dedos tocando a tes-

ta, meio curvado, prestes a surtar. Não tinha ajuda, nem universitários, nem pular para próxima. O mundo continuava um caos e meu cérebro tinha o formato de um anel amassado pela ira divina contra a minha imbecilidade. Comecei a recompor a racionalidade andando de um lado para o outro. Primeiro da sala. Depois da sala e da cozinha. Depois andando pela casa inteira. Sentei na privada, apoiei o cotovelo na mão, a mão na coxa, a outra mão no queixo, curvei as costas com as bigornas, e não adiantou nada. Olhando assim para minha vida, quem diria que eu teria que salvar a humanidade? Meio drogado, desiludido, abandonado, desempregado, estragado, fulo da vida. Porque não o Obama, ou a Angela Merkel, ou o Neymar, ou o Sheike de sei lá aonde, ou o Papa.....o Papa! Por que não o Papa?! Não. Era eu, o anel e o destino da humanidade perdidos num jogo de paciência travado sem botão de reset.

Meu velho pai sempre dizia que vale a pena viver para contar uma história. Sempre pensei que isso fosse só uma besteira qualquer de livro do Augusto Cury. Mas eu tinha muita história para contar. Sobre todas as vezes em que tinha que ter feito uma coisa e fiz outra, ou sobre como não viver uma vida. Também não sou tão idiota assim, só preciso de um empurrão as vezes. Como um cachorro velho que não quer perder o hábito imbecil de correr atrás do próprio rabo.

Então comecei a pensar na Galadriel falando com o Frodo. “Even the smallest person can change the course of the future.” Então veio botão de reset + Augusto Cury + Frodo. Porque o Frodo? Porque a tarefa não era para o Bilbo. Corri para sala, peguei o anel do chão e fechei o olho. Quando abri estava casado, morando numa casa planejada num condomínio fechado, com um filho perfeito e um cachorro que sempre parecia estar sorrindo.

Rolê de terça a noite

O local usado para as reuniões era a sala de aula de uma escola estadual meio mal iluminada. As carteiras dos alunos eram enfileiradas nos cantos da classe e umas nove formavam um círculo no centro. Num canto, a mesa do professor era usada para servir café, chá e bolachas espalhadas numa bandeja. Do lado alguns panfletos sobre AIDS, cirrose, assistência social e algumas camisinhas. Nas paredes estavam pendurados desenhos, redações e cartazes dos mais variados temas. O ventilador não funcionava. Depois das 21h os esquecidos por Deus, e o resto do mundo, começavam a chegar pelas sombras, se arrastando como vermes que querem cruzar a floresta sem serem notados pelos grandes animais ferozes.

(Psicólogo) – Estou vendo caras novas aqui. Alguém quer falar?

(Todos) – ...

(Psicólogo) – Tudo bem. Como vocês passaram a última semana?

(Todos) – ...

(Psicólogo) – Sei que este é um momento difícil para todos, e sei que todos já escutaram isso ao menos uma vez na vida: temos que dar para receber.

Sem a ajuda de vocês nada disso faz sentido. Vocês querem acabar como fanáticos religiosos?

(Todos) – ...

(Psicólogo) – Você não vem a nenhuma reunião faz algumas semanas Bolacha. Como passou?

(Bolacha) – ...

(Psicólogo) – Vocês vêm aqui porque querem parar de se drogar ou para comer bolacha e tomar café?

(Mateus) – O Vassoura também tem o lance da condicional.

(Vassoura) – Você não tem lugar para ir mesmo?

(Magrelo) – E você já resolveu seu problema com a assistência social? A bolsa pó tá caindo?

(Mateus) – Você parece bem Magrelo. Ainda esta fazendo bom uso das drogas?

(Magrelo) – Você casou e teve filhos?

(Mateus) – Ainda não, não sei se é isso que eu quero.

(Magrelo) – Acho que é porque você não consegue arrumar uma mulher e muito menos fazer um filho nela.

(Psicólogo) – Por favor, vamos nos concentrar no porque estamos aqui.

(Marcela) – Porque você esta aqui?

Qualquer grupo que tem uma letra “A”, que significa anônimo, na sigla, não se reúne para comemorar alguma coisa ou se divertir. Se fosse este o caso o “A” da sigla significaria “quero que todo mundo saiba”. Ninguém quer ser feliz ou fazer filantropia barata sem ser reconhecido por isso. As únicas pessoas que querem fazer alguma coisa de forma anônima o fazem desta forma por que, por algum motivo, não vão poder se orgulhar muito do que estão fazendo. Talvez para um ou outro futuro anônimo, mas não para o mundo. A apresentadora de palco Eliana, a dos dedinhos, diria que o que você não pode contar para o seu pai e a sua mãe não é legal. Isso coloca boa parte da vida do lado do bolo que cai no chão virado para baixo.

(Magrelo) – Sempre me pareceu que os outros tem problema com as drogas que uso, me dou bem com elas.

(Psicólogo) – Como é se dar bem com as drogas?

(Magrelo) – Quando tem esta bom, quando não tem não esta bom.

(Psicólogo) – Então você admite que é um viciado? Sem a droga você não é feliz?

(Mateus) – Não dá para ver olhando só para cara dele?

(Magrelo) – Cala a boca otário! E você acha que sou um viciado?

(Psicólogo) – É?

(Magrelo) – Um viciado, tipo um parasita, um problema. Tipo aquele parente que você não convida para o Natal, ou aquele cara que você vê na rua e sente dó. O fraco, o perdedor, perdido. Que só pensa em droga. Que o tempo todo só quer droga. Você acha que sou um viciado?

(Sheila) – Não é só porque uso drogas que sou tudo isso aí. Fale por você.

(Psicólogo) – Você acha que ser um viciado é ser assim? Assim que você se sente?

(Magrelo) – Como você se sente?

É muito mais fácil dar pitaco na merda dos outros. Quando o pronome “nós” não se aplica qualquer coisa fica parecendo moralismo barato. Dizer para alguém se abrir numa reunião com um psicólogo e meia dúzia de estranhos que se parecem muito com você é o mesmo que dizer para um leão que ele só vai poder comer alface. Se o programa não funcionar quem perde o emprego? Para o resto não muda nada. Mas se o programa funcionar vai vir toda a vida de merda de um trabalhador operário, caixa de supermercado, operador de telemarketing entre outras perdas de tempo que pessoas sem uma forma de entretenimento forçado tem que fazer. Como a maioria quer conservar o mundo como está, melhor que alguém perca o emprego.

(Psicólogo) – Gostaria de falar da pressão dos pares que incentiva um comportamento inapropriado e autodestrutivo.

(Marcela) – Agora somos todos um bando de “Maria Vai Com As Outras”? Devíamos ir atrás de você?

(Mateus) – Pega ele....vai, vai, vai....

(Marcela) – Cala a boca retardado.

(Magrelo) – Se for cocaína prefiro cheirar sozinho, mas é legal fumar um baseado com a galera.

(Marcela) – Maconha não é droga idiota!

(Psicólogo) – Usar droga sozinho não é um comportamento autodestrutivo?

(Marcela) – Só se você tiver escutando Radiohead com uma gilete por perto.

(Bolacha) – Até café e chocolate são drogas.

(Psicólogo) – Por que vocês usam drogas?

(Marcela) – Porque café e chocolate não dão barato.

(Vassoura) – Bebo café para dormir.

(Sheila) – Café também me acalma.

(Psicólogo) – Acho que conseguimos progredir um pouco hoje pessoal. Para semana que vem peço que todos pensem no que poderiam fazer se não usassem droga.

(Vassoura) – Preciso que você assine esta carta da condicional antes de ir embora.

(Mateus) – Esta aqui da assistência social também.

Fatos Cotidianos 19 – Vítimas e culpados

[Primeiro ato: os cordeiros, as ovelhas e os elefantes.]

Gabriel tinha 13 anos e vendia pinos de cocaína numa esquina de uma rua pouco movimentada durante a madrugada. O trabalho lhe garantia, num dia ruim, R\$300.

Ele era o mais velho dos três filhos de D. Josefina com Seu Sebastião. A matriarca tinha morrido poucos anos atrás de câncer, enquanto Seu Sebastião teve o cérebro esmagado num acidente na pedreira que trabalhava. Coube a D. Véva, mãe de D. Josefina, a tarefa de garantir que as crianças chegassem a fase adulta sãs e salvas.

D. Véva era uma senhora baixinha, fraquinha, magrinha, definhada pelo tempo e o contato diário com cãndida durante longos 50, ininterruptos, anos. Na maior parte do tempo ela fingia não saber quem naquela casa ganhava o suficiente para manter todas as bocas alimentadas, ou da onde tinha vindo a TV fininha da sala. Mas sempre que via uma notícia sobre tráfico de drogas na TV fininha dizia, olhando indig-

nada, para o teto: “Isso não esta certo!” Com medo de ver seu menino na jaulinha de um camburão, e responsável por todos os erros da humanidade, segundo o apresentador de um programa policial cretino vespertino, ela rezava todo dia um Pai Nosso e uma Ave Maria para o neto, além de uma prece para São Benedito e uma novena, que começava sempre que outra acabava.

Para Gabriel não tinha muito mais o que ele podia fazer para ganhar algum dinheiro com o que aprendia na escola. Tirando os clientes, que ficavam um pouco mais agressivos e loucos com o passar da noite, e o chefe, que estava sempre ostentando alguma arma grande e amedrontadora no lugar mais visível possível, não era tão ruim. Ele só tinha que ficar parado numa esquina, recolher o dinheiro, ir até o boeiro, pegar os pinos, e entregar para quem tivesse dado a grana. Além do que, respaldado pela parceria do chefe com a polícia, podia fumar o quanto de maconha quisesse durante seu turno. Cheirar era proibido, o que para ele, que não cheirava, não mudava nada.

O que mudava tudo, para D. Josefina, eram os comentários da vizinhança, liderada pela beata D. Tereza. Sua principal ocupação era apontar o dedo para todos que não andavam na linha por ali. “O filho/marido/irmão/qualquer um de quem vai estar nas páginas policias do jornal amanhã?” Perguntava ela para o pa-

deiro todo dia no fim da tarde. Sempre alto o suficiente para alguém ouvir e se sentir atingido. Havia quem dissesse que tudo que ela queria era manter a família dela afastada daquela sujeira. Para outros o que ela queria mesmo era mostrar, a todo custo, que era diferente da gatinha que cercava sua casa. Fato era que seu marido, Seu Anastácio, era um consumidor, dos bons, do produto oferecido por Gabriel.

*[Segundo ato: numa tarde furtiva
de primavera...]*

Completamente fora de si e enfurecida, D. Tereza saiu de casa gritando que sabia quem era o responsável por aquele mal que tinha se manifestado em seu lar. “Tá aqui! A prova de que aquele bastardinho que mora logo ali é o culpado por tudo que esta acontecendo!” Com uma mão ela apontava para a casa de D. Véva, com a outra segurava um pino sem nenhum pó dentro. Atrás dela vinha Seu Anastácio, que desconcertadamente pediu para um amigo do bar levar a garota de menos de 20 anos que o acompanhava até o terminal de ônibus mais próximo. “Tenho certeza que se não fosse por causa desta porcaria de droga você não tinha coragem de fazer isso comigo!” Ela jogou o pedacinho de plástico no chão e pisou em cima, com ódio, freneticamente. Depois se sentou no meio da rua

e disparou a chorar e gritar: “por que Deus?”, desesperadamente.

Diante de tamanho alvoroço, as pessoas começaram a sair na rua e se aglomerar para ver o que estava acontecendo. Sem saber para onde correr, Seu Anastácio voltou para dentro de casa. Se sentindo sem condições morais para dialogar com a descontrolada D. Tereza, D. Véva fez o mesmo. “Não adianta a Senhora tentar sair de fininho não! É do traficante filho da puta do seu neto que estou falando! Foi ele que colocou este mal dentro da minha casa!” Sentindo uma angústia corroer seu estômago e uma culpa tomar conta da sua alma, D. Véva passou pela porta da frente com os olhos lacrimejando. Voltaria a trabalhar em casa de família, passar roupas a noite, cozinhar no bar no fim de semana, o que fosse para Gabriel não precisar se envolver mais com aquilo.

Ainda um tanto quanto sem condições de reagir, D. Tereza viu as luzes de um carro de polícia estacionando atrás da multidão para checar a razão de tamanha movimentação. Um corredor se abriu e dois policiais atravessaram o povo para acudir aquela mulher caída no chão. Ela soluçava enquanto litros de água saíam de seus olhos e quilos de catarro vazavam do seu nariz. Um dos policiais ofereceu um lenço para ela limpar a cara, o outro a ajudou a se levantar. Enquanto os três se arrastavam lentamente em direção

a viatura Gabriel dobrou a esquina dançando ao som dos fones de ouvido. Entre um gingado e outro seu olhar cruzou com o de D. Tereza. Sem pestanejar, e em alto e bom som, ela apontou o dedo e gritou: “Ele é a batata podre policiais! Prendam ele! Prendem ele!” Gabriel não conseguiu entender nem o que ela disse nem o que estava acontecendo, mas tomado pela máxima do quem deve teme, se virou e começou a correr assim que percebeu os policiais vindo em sua direção. Foram dois quarteirões e uma curva errada para a direita até Gabriel ser encurralado. Ele só queria jogar os pinos que estavam no bolso dele para longe, mas os policia não pensaram em nada e abateram ele com dois tiros.

As taças quebradas e o vinho derramado

Era a porra de uma festa de ano novo e aqueles veados estavam falando alguma coisa sobre o trabalho. O Scott era psicanalista de um monte de riquinhas querendo rola. O Ted era o advogado corrupto dos maridos das riquinhas frustradas. A Mary era a diretora do canil que chamavam de escola onde as filhas das peruas com os pilantras estudavam. Eu só tinha que servir as bebidas, mas era difícil não rotular os filhos da puta que tinham dinheiro para estar numa festa no topo do Fuckin Tower. “Olha só, a ruiva branquinha na perto da janela. O panaca que tá com ela tá travado de pó e tomando whiskey no gargalo. Toda vez que levo uma água pra ela parece que ela grita: ‘ME TIRA DAQUI!’, pra mim.” Não importa onde a gente tivesse, o Handsome conseguia tirar uma casquinha de alguma coitada. Na verdade o que a gente queria mesmo era o pó que aqueles cretinos tinham. “Desencana dela agora, olha o cretino indo pro banheiro. Pega os coletes....me encontra na porta.” Encostei na porta e o Handsome chegou com os coletes de segurança. “Tá fácil!” Entramos e o infeliz estava cheirando no balcão. Tentou disfarçar, mas já fui chegando

de mansinho: “com licença senhor, posso ver o que você tem no bolso do paletó?” O safado começou a se borrar todo. “Olha só, isso é uma festa de ano novo, estamos todos comemorando.” “Ou o senhor entrega o que tem no bolso e vamos ter que pedir que o senhor e seus convidados se retirem.” O playboy na fralda entra em choque com o discurso do Hand. “O meu Deus, eles vão falar com meu papai...” Ele tira dois mini saquinhos ziplocks cheinhos do pó branco mágico e coloca em cima da pia. Depois abaixa a cabeça e sai. “Você devia ter vergonha.”, diz o Hand, num tom moralista, pro otário já de costas. Antes dele fechar a porta já tinha esticado dois raios no mármore do banheiro. “Vou pegar a mulher dele também”, continua ele antes de se abaixar e mandar sua parte pro nariz.

Vou dar uma volta na cozinha para fumar um cigarro e sentir o efeito da farinha, depois de uma meia hora volto para o salão, e dou de cara com a Roberta. “Oi Mark!” Acabou de chegar com um cretino qualquer e quer um pró-seco. “Que bom que você tá aqui. Tenho alguém pra conversar.” Ela está fantástica com o cabelo comprido até o ombro e toda de branco. Certeza que esse Zé Ruela não merece uma garota como ela. Descolo o pró-seco, mas enrolo um pouco no balcão só pra ela ficar me olhando. “Como vai sua família?” A gente estudou junto e se cruza na rua as vezes. Acho que ela me deu bola numa ou outra

vez que nos encontramos, mas fui perceber só meses depois. Sou um idiota. Deixo ela com o escroto que já está fedendo a whiskey e vou dar mais um tiro para suportar a pressão. Quando entro no banheiro escuto um barulho de metecção em uma das cabines. Entro na do lado para preparar um carreira e escuto a mina gozar, depois o cara. Logo depois de mandar tudo para dentro escuto uma voz vindo de cima. “Mark?” Puta que pariu! Quase tive um treco. Era o Hand com a ruiva que tavam se pegando. O desgraçado sempre consegue alguma coisa na noite. Ajudo os dois a sair do banheiro e volto para o salão. O Hand fica com o último tiro e eu começo a beber vodca com água e a fumar desesperadamente.

Já são onze e meia. Começaram a distribuir os champanhes. Pego uma bandeja cheia e entro na festa bailando para cá e para lá. Parece que estou desviando das pessoas, mas estou só tentando me equilibrar mesmo. Uma senhora me abraça com uma mão e me dá sustentação. Com a outra ela pega uma taça e cochicha no meu ouvido. “Você não quer me mostrar onde fica o banheiro dos funcionários?” Dou mais uma prova de que sou um idiota sentimentaloiide. “Não.” Ela coloca umas notas de cem no meu bolso. Confirmo para o mundo minha imbecilidade e nego. Ela tira o dinheiro do meu bolso e começa a pular. Deixo a bandeja vazia no bar e pego uma cheia. Viro duas taças e

cuspo nas outras três. Saio cambaleando para escolher os culpados. Os fogos da meia noite começam a estourar e levo um susto. CRASH! Foi tudo para o chão. Alguém pensou que fosse parte da comemoração da virada e jogou uma taça no chão. Então todo mundo achou que isso foi planejado, junto com o preço surreal da entrada, e começou a quebrar tudo como se fosse um casamento judeu. O dono do buffet entrou em surto psicótico e começou a gritar: “Não, não, não..... parem com isso!!! São de cristal!!!”

Talvez ele não tenha percebido que fui eu que comecei com tudo acidentalmente, mas achei melhor sair de lá antes que ele descobrisse. Peguei como pagamento duas garrafas de vodca e umas latas de energético. Procurei o Hand mas nenhum sinal daquele bastardo. A Senhora fome de sexo deve ter encontrado ele, que deve ter achado que tirou a sorte grande. Desci pelo elevador social para não ser incomodado e sai pela frente fumando como um trem a todo vapor. Peguei o metrô e parei no centro da cidade onde milhares de esquecidos por Deus e suas famílias se amontoavam para virar estatísticas no jornal de amanhã. “1 milhão saúdam a chegada do ano na avenida”, “Centenas de arruaceiros são presos em festa da virada”. Não demorei muito para ser achado pela Jill e a Sapphire, que vinha com um sorriso cego e um Valium na mão que dizia “feliz ano novo!” “Estamos indo pra

casa da Lê! A galera tá lá! Vamos com a gente!” Não lembro bem o que respondi, mas tomei o comprimido com uma talagada e fui. Entramos em um táxi e a Sapphire acendeu um baseado. O motorista ficou puto, mas não pediu pra gente apagar. Eu estava derretendo naquele banco de carro enquanto as duas pareciam ligadas para o ano inteiro. “Então Mark, podemos ir nos três para sua casa? O que você acha?” “Hã?” Dei mais uma prova incontestável da minha falta de entendimento do mundo feminino e fomos parar na casa da Lê.

Estava todo mundo curtindo o rolê. O Jimmy, a Panny, a Marsha, até o Hand já tava lá com a ruivinha branquinha chapada e o marido muito louco. “Consegui mais uma coisinha para te ajudar”, o Hand tira um saquinho de pó branco mágico do bolso e minha alma treme. “O otário é muito mais otário do que ele e a gente imaginava.” Enrolei uma nota, coloquei ela dentro do saquinho e puxei tudo que deu. Senti aquele gosto amargo na garganta e um estalo como o do Popeye quando toma espinafre. Pensei na proposta da Jill e da Sapphire no táxi e sai como um retardado atrás delas. Primeiro trombei o Worms. “Hey Mark! Que bom que você veio cara!” “Obrigado, pra você também....você viu a Jill e a Sapphire.” Eu estava estriquinado, olhando para todos os lados de uma vez. “Você tá parecendo um travado paranoico. Toma isso

daqui.” Ele tirou dois comprimidos laranjas de um potinho. Me deu um e colocou outro dentro do copo dele. Peguei e mandei goela abaixo por puro reflexo. Fui lubrificar a garganta com a cerveja dele e o outro entrou por acidente. Dez minutos depois eu estava estatelado no sofá da sala como um zumbi desesperado para morrer. A Lê sentou do meu lado e começou a falar qualquer coisa, mas eu só entendia uns grunhidos. Fechei o olho e quando abri de novo não tinha mais ninguém lá.

História para boi dormir

Comecei a notar uma coisa estranha, acho que esta nascendo um rabo em mim. Bem em cima do meu rego. No lugar exato onde teria que estar o rabo se todo mundo tivesse um. Notei uma dia quando sentei para cagar. Minha bunda não encaixava direito na proteção do vaso. O cotoco que tava pulando para fora não aguentava o peso do corpo e começou a doer. Passei a mão e achei que era alguma coisa inchando, minha próstata explodindo, um Alien, sei lá. Mas o médico foi lacônico: “É um rabo. E ele esta se desenvolvendo.” Como assim se desenvolvendo, porra? E rabo agora se desenvolve? “Especula-se que um dia o homem já teve rabo, mas a teoria da evolução diz que como o ser humano não precisava dele aos poucos ele foi desaparecendo. Novas pesquisas científicas apontam que fumantes de maconha crônicos tem tendência ao desenvolvimento do rabo, é um tipo de efeito colateral, e é exatamente o que esta acontecendo com o Senhor.” Vai se foder! Então eu sou a porra de uma anomalia genética mutante completa agora? “Não exatamente. O Senhor ainda não esta doente, e podemos remover este incômodo com um procedimento simples. Não é preciso nem dormir no hospital. Depois basta o Senhor não fumar maconha nunca

mais.” Que? Parar de fumar maconha?.....ninguém vai tocar no meu rabo, porra!

Sendo meu rabo uma extensão do meu corpo ele respondia a estímulos. Quando estava feliz e animado ele ficava balançando de um lado para o outro como o rabo de um boxer que sente o cheiro de carne fresca numa sacola de supermercado. Se era um dia triste ele ficava meio caído, molenga, as vezes até esquecia que ele estava lá, só percebia quando ia sentar e sentia alguma coisa na minha bunda. Se estava com tesão ele ficava reto e duro igual pedra, pronto para atacar. Como não tirei ele de lá, meu rabo crescia junto comigo. Ninguém percebia, e eu sempre usava uma calça jeans mais larga para esconder aquela aberração. Quando me olhava no espelho parecia que não tinha nada errado comigo, mas quando saía para a rua e via as outras pessoas, e nenhuma delas com rabo, me sentia como uma soja transgênica. Além de ter sido o mais burro da escola, agora tinha um rabo, prova definitiva que sou um animal. Durante um tempo foi fácil esconder ele dentro da calça. Aprendi a evitar vestiários, colava com fita crepe para ele não ficar mexendo toda hora, e até tinha um discurso preparado para as garotas com quem transava. “Não toca na minha bunda!”

Em menos de um ano meu rabo já tinha mais de trinta centímetros. Não dava para fingir que era nor-

mal e esquecer dele na maior parte do tempo. Ele balançava por vontade própria e grudar ele com fita adesiva não era mais eficiente. Sempre que sentava sentia algo entrando no meio da minha bunda. Além do que já estava ficando difícil disfarçar. Não era confortável, não era legal. Então decidi voltar para o médico e fazer o tal procedimento para remover o problema. “Não é mais possível realizar o procedimento de remoção do membro.” Como não?! “Ele cresceu muito, esta completamente ligado a sua coluna, e o estágio dois já esta em desenvolvimento. Se tirarmos ele você morre.” Que porra de estágio dois é este? “Você esta começando a se tornar um cachorro. Em pouco tempo você vai ter focinho.” Não, não, não! “Mas existe uma solução parcial.” Qual, qual, qual? “Podemos cortar uma parte dele, só deixar um cotoquinho de uns dez centímetros.” Isso, isso, isso. Dez centímetros da para esconder. “Mas tem um problema.” Não, não tem nenhum problema. Porque tem sempre que ter um problema, porra!? “Não é mais possível reverter o processo de mutação depois de iniciado o estágio dois, isso só vai atrasar o desenvolvimento de seus membros caninos por um tempo.” Então deixa o meu rabo aí, porra!

Depois de me conformar parece que o tal estágio dois começou a avançar cada vez mais rápido. Primeiro ficava alisando me rabo enquanto assistia te-

levisão deitado. As vezes, por causa do tédio, ficava brincando de tentar morder ele dando volta em círculos. O segredo é se mexer rápido o suficiente para formar um rodado de vento em volta de si que impulsiona ele para a boca. Nunca consegui. Mas no fim estava ficando divertido ter um rabo. Até que acordei sentindo um cheiro estranho. Era um pedaço de presunto estragado na geladeira do vizinho. Não parecia tão ruim, mas era forte. Então quando passei pelo espelho do banheiro, antes da minha cagada matinal, percebi que meu nariz estava se transformando em um focinho. Passei a mão e senti que o nariz tinha achatado um pouco, e a boca estava afunilando e se fundindo ao queixo. A primeira coisa que pensei foi que se crescesse um pouco mais ia finalmente conseguir morder o rabo. Depois senti o cheiro de uma cadela no cio passando na rua e meu rabo disparou como um louco para todos os lados, e meu pau ficou duro.

Antes que pudesse perceber a comida já não tinha o mesmo gosto e eu estava revirando lixo pelas latas da cidade. As pessoas começaram a desviar de mim na rua. Não tinha como esconder um focinho. Depois de um tempo passei a não ligar mais. Minha maior preocupação era não ter comida. Ficava espreitando restaurantes a espera de alguma sobra. As pessoas se levantavam e eu afanava tudo que tinha sobra-

do na mesa. Notei que minha língua estava crescendo quando comecei a lamber meu próprio sovaco. Não era gostoso, mas espantava as sarnas que ficavam escondidas lá. Nesta fase alguns idiotas já me chutavam quando eu chegava muito perto. Aos poucos passei a andar meio curvado, o que deduzi que era o início do estágio final, que acabaria comigo de quatro. Meus dedos começaram a se juntar e, os pés primeiros, em seguida as mãos, começaram e se parecer mais com patas. Então um dia um barulho muito estranho começou a me deixar louco. Queria gritar para aquele tormento parar de qualquer jeito, mas só conseguia latir. Comecei a correr na direção dele com todo ódio que consegui juntar dentro de mim para cravar os caninos no meio dele. Era um ônibus. Mordi o pneu com toda força que tinha. O bastardo ficou com raiva e passou por cima de mim.

Ressaca mutante

Não estou conseguindo pensar. Nem levantar. Não quero saber como cheguei até aqui ou quem está do meu lado. Quero sumir. Me mataria agora se ainda me restasse alguma dignidade ou uma arma ao alcance da minha mão. Acordar no quarto de uma desconhecida só é pior que acordar sozinho no quarto de uma desconhecida. E com dores. Muitas dores. Alguém me tire daqui! Não tem ninguém aqui. Não quero saber onde estou. Não quero sair daqui e descobrir de quem é a voz atrás da porta. Será que se fechar o olho e desejar muito forte consigo me tele-transportar para o cume do monte Aconcágua? Hummmm..... Também não funciona. Quando tiver condições posso escapar pela janela. Alguém abriu a porta! Posição fingir que está dormindo.....não acendeu a luz. Legal. Mexeu na gaveta da escrivaninha. Parou no meio do quarto. Deve estar me olhando. Não devo ter me saído bem ontem a noite. Não sou bom de cama nem super concentrado ou apaixonado. Muito louco com certeza é um desastre. Respirar devagar. Respirar devagar. Saiu.

Consegui dormir mais um pouco. Agora me sinto mais cansado e mais dolorido. Não tem nada que

marque as horas por aqui? Do que será que este povo tanto fala? Se fizer um esforço consigo fugir pela janela. Chegou a hora. Tirar forças de toda fobia social encrostada no âmago do ser e abrir a janela com cuidado. “Poc, poc, poc....” Malditas grades! Já esta a noite? Passos no corredor.....sombra na porta.....merda! “Oi.” Ela tem quatro braços! Ela tem quatro braços! “Bom dia, ou sei lá. Me desculpe por ontem.” Os quatro se mexem para lá e para cá! São de verdade! “Você queria sair pela janela?” “Sabe, não queria incomodar vocês na sala.” Deve ser efeito colateral de alguma coisa que me deram. Não é possível. Ou ela tem quatro braços que se mexem para lá e para cá?! “Você não quer tomar um café?.” “Preciso ir no banheiro antes.” Será que alguma coisa cresceu em mim? Não, continua tudo igual. Depois de vomitar um pouco e fazer uns gargarejos para tentar salvar a garganta, lavei a cara. Ela não podia ter quatro braços.

Fui andando a passos curtos na direção do fim do corredor dando tudo de mim para lembrar alguma coisa sobre ontem a noite. Saí da firma, fui para o bar do Jaime e comecei a beber. A filha do Jaime se engraçou com um almofadinha que estava perdido por lá e tomei umas doses de pinga para não perceber o que acontecia com ela. Não lembro mais. Socorro! Tem um cara com olho na testa sentado vendo televisão. Um olho que pisca! “Tudo bem?” Tem uma mulher

com dois braços no lugar das pernas do lado dele! Braços nas pernas! Santo Deus! Tenho só dois olhos, dois braços e duas pernas. Sou o estranho aqui! “Olá?” Se recompor. Fazer cara de paisagem. Fingir que está tudo normal. É só o efeito da ressaca. Tem que ser só o efeito da ressaca! “Desculpem.....acho que ainda tem alguma coisa de ontem fazendo efeito em mim.” Era isso. Só podia ser isso! “Tudo bem. A Cassy está fazendo café na cozinha.” “Vou lá.” Tomara que nada estranho esteja no meu caminho desta vez. Não vou suportar ver uma mulher com três tetas ou sei lá.

O cheiro do café era bom. Um pouco de qualquer coisa não alcoólica talvez me fizesse ver o velho mundo como ele era até ontem. Enquanto isso a Cassy carregava duas xícaras numa mão, o café na outra, fumava com a terceira e gesticulava com a que estava sobrando. “Tudo bem com você? Você não parece bem...” Sabe, não é todo dia que durmo com uma mulher de quatro braços....“Esta sim, só estou com dor de cabeça.” Muita calma, ela pode se tornar hostil. Se uma mulher com dois braços faz um estrago violento, com quatro deve ser um estrondo. “Então você precisou dormir o dia inteiro para recuperar a energia?” Me ocorreu agora que poderia estar sonhando. Toda esta coisa combina com um sonho. “É, a noite de ontem foi agitada.” Podemos parar por aqui, não preciso de detalhes. “Você tem algum lugar para ir hoje?”

Ir embora daqui o mais rápido possível. “Infelizmente sim.” “Vamos pedir pizza para jantar...” O entregador acha normal você ter quatro braços? “Desculpe, mas preciso ir.” Virei o café quente, que desceu queimando minha garganta e contorceu minha cara, e fui levantando como quem diz: “estou saindo agora”, antes que ela me oferecesse alguma coisa.

Passei pela sala sem fazer questão de olhar para os três olhos e a mulher braço. Depois de abrir a porta a Cassy se virou abruptamente e me agarrou antes que eu pudesse entender o que estava acontecendo. Quando ela me abraçou senti como se uma jararaca tivesse me apertando. Mantive a boca fechada com medo de sentir uma língua bifurcada dentro da minha boca. Não consegui falar mais nada. Passei pela porta e sai sem olhar para trás. Virei o quarteirão e me peguei caçando, desesperado para encontrar alguém com dois braços, duas pernas, dois olhos, um nariz, no padrão ser humano simples e vulgar. Mas o cara que estava parado na rua fumando um cigarro tinha dois queixos na testa e dez dedos em cada mão. Atravessei a rua para desviar dele e me deparei com uma senhora que ostentava um rabo e dois narizes escorrendo. Não me segurei mais e sai correndo. Peguei embalo, me atirei de cabeça na primeira parede que vi e apaguei.

All Star #33

Preciso acordar uma hora e meia antes de ir para escola. Tenho que tomar banho, arrumar o cabelo, tomar café da manhã. Quando não consigo levantar da cama as 5:30 A.M. prefiro ficar em casa. Foi o que aconteceu hoje. O rádio relógio começou a tocar Beautiful Day, do U2, e simplesmente tirei ele da tomada. Depois disso já sabia que não ia na aula. Não queria ter que ver o Fernandinho. Ontem vi ele passeando com a Renata na praça no fim da tarde. Não acredito que ele prefere aquela chatinha à mim. Inventei uma dor de cabeça e principio de resfriado para minha mãe. Aí ela fez chá de limão, gengibre e mel para mim com pão na chapa. Adoro chá de limão, gengibre e mel e sou viciada em pão na chapa. Fiquei tão feliz que ajudei ela com a louça antes de me trancar no quarto para ouvir o CD novo do Helloween que o Neb me emprestou, e ler O dia do curinga. Ele não empresta nada para ninguém, mas as vezes consigo pegar alguma coisa com ele. O livro também é dele. Não sei qual é a dele comigo. Não tenho muita paciência para isso. O mundo inteiro sabe que ele quer me beijar. Quando chego perto ele fica tão perdido que não faz nada e só fica querendo me agradar. Não

entendo, mas é engraçado.

Aproveitei que estava em casa e almocei mais cedo com meu pai, minha mãe e minha irmãzinha. Ela só tem três anos e todo mundo só dá atenção para ela. Não tenho muita paciência para isso. No fim acaba sendo bom, ninguém me enche o saco. Fiquei vendo televisão com ela enquanto minha mãe arrumava a cozinha. Isso e ajudar com a louça de manhã me faziam a filha perfeita. Esperei o horário da aula acabar, mais vinte minutos, e liguei para a Paula. “O Fernandinho perguntou de você.” “Porque você não mandou ele perguntar para a Renata?” “Acho que ele te viu ontem na praça.” “Não quero nem saber... vamos na casa do Neb a tarde?” “Vamos, combinei com ele na aula entre um sono e outro. Ele só dorme. Ele também disse para te avisar.” “Vou para lá daqui a pouco.” “Eu vou depois da aula de inglês.” O quarto do Neb era fora da casa, e ninguém ligava para o que a gente fazia lá dentro. Tinha televisão, vídeo cassete, som, computador e tudo que alguém precisa para ser feliz. Podia fumar até maconha. Era como um salão de festas. Amo ir lá. Falei para minha mãe que ia na casa da Paula pegar a matéria que tinha perdido e fui o mais cedo possível.

Quando entrei estava tocando uma banda que não conhecia e a televisão estava no mudo passando Entrevista com o vampiro. “O que qui tá tocando?” “Depeche Mode, um tipo depressivo da década de 80.

Gostou?” “Um pouco estranho.” “Se você quiser a gente muda.” “Não precisa.” Peguei o cinzeiro de vidro e ele quase teve um treco. Tirou ele da minha mão e colocou um de plástico. Sei que sou meio desastrada, mas as vezes isso me irrita. “Porque você não foi na aula?” “Não tenho mais saco para assistir aula com aquele chato do professor de matemática.” “Eu também não. Dormi na aula dele inteira.” “Porque você não fica dormindo em casa. Acho feio dormir na sala.” “Porque eu não iria na escola dia nenhum, e não ia poder fumar um cigarro com você no intervalo.” Fumamos um antes da galera chegar e focamos no filme. Cansei de ver trechos deste filme na casa dele e nunca entendi nada. Ele fica hipnotizado falando sobre as futilidades da vida e que os vampiros são isso e pensam aquilo. Não tenho muita paciência para isso. Podíamos ir direto para a parte de comer chocolate e tomar Coca-Cola.

Não percebi o tempo passar e já passava das quatro quando a Paula chegou da aula de inglês com a Alina e o Enrolado. “Vocês não se cansam de não fazer nada?” A Alina estava meio azeda, acho que a mãe dela fala tanto isso para ela que ela começou a repetir. Não tenho muita paciência para isso. O problema da família dos outros. “Aprendi mais inglês vendo o filme com o Neb do que vocês repetindo o que o professor fala numa sala pequena e quente.”

Como que prevendo que o clima podia esquentar o Neb acendeu mais um baseado, e passou para mim primeiro. Depois saiu do quarto e voltou com bata-tinha e refri para todo mundo. Ele colocou um VHS com uns clips gravados da MTV. Estava no meio de Do the evolution, do Pearl Jam. “Cara, este clipe é muito foda. Volta do começo.” O Enrolado sabia tudo do Pearl Jam. “Quem fez este clipe foi o mesmo cara que fazia aquele Batman que passava no SBT, sabe? E o cara que desenhou o Spawn, saca?” “Pode crer, os traços são muito parecidos. Acho muito louco a ideia dos homens sendo sugados pelo computador. Meio Matrix. Este clipe merece ser visto milhões de vezes mesmo.” Era só falar que alguma coisa que o Neb tinha que era legal e ele ficava horas contando todas as histórias possíveis e imaginárias sobre aquilo.

Aproveitei que os meninos estavam entretidos com o vídeo para saber mais sobre o passeio na praça do Fernandinho com a Renata. “Mas eles estão ficando?” Perguntei para a Paula e a Alina. As três faziam inglês juntas. “Me parece que sim. Hoje ela estava toda feliz na aula.” A Alina não fazia muita questão de manter minhas esperanças. “Nós não falamos muito com ela, só sobre coisas da aula. É difícil saber.” A Paula quis bancar a boa amiga. E ela era, a melhor. As duas começaram a falar alguma coisas sobre ter estudado com a Renata no primário e de que ela era

meio quieta porque os pais dela eram separados. Não tenho muita paciência para isso. Nunca entendi qual o problema com isso. Eu ia me sentir mais especial. Seria legal ter duas casas, dois presentes de aniversário, essas coisas. Talvez eu preferisse morar com meu pai se isso acontecesse. Minha mãe as vezes pensa que sou empregada e fica me mandando limpar isso, lavar aquilo. Ela não deixa eu fazer nada que quero. “Queria que a minha vida fosse igual ao clipe de 1979 do Smashing Pumpkins”, comentou o Neb olhando para a televisão. As vezes parecia que ele sabia o que eu estava pensando. “Achei que era”, respondi para o outro lado do quarto. Ele olhou para mim e sorriu. Nunca mais quero ir embora daqui.

E eles foram felizes para sempre...

Quando Dona Maria levantou para começar a preparar o café-da-manhã Seu Eduardo nem se mexeu na cama. Nos quartos de Alex e Cristiane também não havia o menor sinal de movimento. Primeiro ela limpou a pia dos assaltos noturnos à cozinha. Deixou a água do café e o leite para fervendo e foi regar as flores da entrada. Por fim colocou comida e trocou a água do Rex. Tempos depois do cuco anunciar que já eram seis horas ela foi acordar as crianças. O marido já estava no banho, o Alex fingiu que estava dormindo e a Cristiane reclamou de cólicas. Ela voltou para cozinha e cortou maçã, mamão e melão e preparou dois queijos-quentes na tostequeira elétrica. “Hoje tem reunião da equipe no escritório depois do expediente, então não me espere acordada.” Seu Eduardo pegou uma banana na fruteira e saiu apressado sem um beijo de tchau. Três minutos antes da perua da escola chegar os dois estudantes sentaram na mesa. “Mãe, preciso do dinheiro para pagar o acampamento na escola.” “Depois da aula vou na casa da Natália fazer trabalho.” A buzina tocou e os dois saíram comendo queijo quente.

As frutas intocadas Dona Maria colocou num

pote e guardou na geladeira. Assim como o leite, mas como ela não tomava café preto esvaziou a garrafa térmica na pia. Tirou a mesa e lavou a sujeira antes de subir para os quartos. Abriu as janelas, arrumou as três camas, tirou o lixo dos banheiros e recolheu as roupas sujas no chão. Desceu até a lavanderia e pôs a máquina de lavar para funcionar. Então começou a limpar a sala. Tirou o pó de todos os bibelôs espalhados pelo ambiente e passou lustra-móveis nas madeiras. Arrastou os sofás, cadeiras e a mesinha para varrer o chão. Depois passou aspirador nos tapetes. Antes de estender as roupas passou pela cozinha. Picou uma cebola e dois dentes de alho e começou a preparar arroz. Tirou o feijão congelado do freezer e colocou no microondas. Enquanto o cheiro de fome se espalhava pela casa ela estendeu as roupas. Não eram nem dez da manhã quando ela começou a temperar e cortar os bifés e a salada do almoço. Deixou tudo pré-pronto e foi tomar um banho.

Dona Maria se preparou com sua melhor lingerie e passou óleo de amêndoas pelo corpo. Quando estava pronta sentou na escada, usando um roupão de hotel, olhando para porta da frente. Exatamente as 10:03 A.M. a campainha tocou. Paulo era jardineiro do condomínio, e gostava de usar tênis Nike e Iphone de última geração. Ela levantou com aquela sensação de aventura no estômago e abriu a porta com aque-

le sorrizinho sacana de quem sabe o que quer. Dona Maria se virou e saiu desfilando pela sala. Deixou o roupão cair pelas suas costas no caminho e deitou de lado na escada. Ele fechou a porta com cuidado e foi atrás dela já tirando a roupa. Sem nenhuma proteção nem camisinha eles foderam ali mesmo. Até o relógio soar décima primeira badalada. Ele se levantou, colocou o macacão, pegou o envelope que estava na mesinha do lado da porta e saiu prometendo voltar na outra semana. Ela ficou caída curtindo aquela porra gosmenta escorrendo pela sua coxa por um momento. Aí se levantou e foi se lavar.

Alex abriu a porta da frente e gritou: “Cheguei!” Dona Maria já estava na cozinha fritando os bifés e requentando o arroz com feijão. O garoto deixou a mochila no sofá, sentou na mesa da cozinha, comeu assistindo Chaves e se trancou no quarto. A mãe almoçou assistindo Jornal Hoje e depois limpou toda cozinha. Ainda eram duas da tarde, então se sentou na varanda para ler um pouco e passar o tempo. Como se casar com um marquês, Julia Quinn. Cinco páginas depois estava na lavanderia engomando camisas, passando blusas encardidas e dobrando meias e cuecas. Percebeu que Cristiane chegou quando escutou a porta da frente abrir, fechar, passos na escada, porta do quarto abrir, fechar. Alex acordou do cochilo da tarde e fez uma imundice na cozinha montando um lanche

para comer enquanto jogava vídeo game. Cristiane estava escutando música num volume ensurdecador. Dona Maria se fechou no seu quarto e ligou para sua irmã. Cheia de entusiasmo ficou uma hora e meia no telefone falando sobre a visita de Paulo.

Saiu do quarto chamando as crianças para a janta. Pegou umas salsichas, batata palha, pão de hot-dog, ketchup, mostarda e maionese e preparou um lanche. Colocou uma Coca-Cola gigante na mesa e ficou observando os filhos comerem enquanto petiscava as frutas do café-da-manhã. “Come devagar Alex!” “Melhorou a cólica filha?” Os dois voltaram para os quartos ainda mastigando. Ela arrumou a cozinha de novo e sentou na sala para ver novela. Na hora do Jornal Nacional ligou para sua mãe para falar sobre o tempo. Assistiu a novela das nove, checou se estava tudo bem e deu boa noite para o Alex e a Cristiane antes de ir dormir. Seu Eduardo chegou lá pra uma da manhã. Entrou no quarto sem fazer muita questão de ser silencioso. Se trocou no banheiro e deitou ao lado de Dona Maria, que tinha acordado na hora que o carro chegou na garagem. Estava agitado e não conseguia pegar no sono, e ficava se virando de um lado para o outro. E ele fedia azedo e suave como um porco.

Os abutres e a carne fresca

Porque ele não tinha a menor idéia do que fazia em mais da metade do tempo, e achava que não tinha nada à perder, ele só foi lá e fez, mas a Márcia, o Renato e a Paula não guardaram segredo, e agora o Cenora tinha muito a perder. Porque na educação física ninguém nunca queria ele no time. Porque quando te escolhem primeiro significa que você é o vencedor, e o último é o último, e ninguém escolheu ele, e a diretora queria falar com ele depois da aula, e a professora estava tratando ele diferente, disse que ele não precisava jogar e podia ficar olhando do banco. Como se ele fosse o próprio Renton, destinado a um fim triste e esquecido. Como em Kids, quando os esqueitistas ficam com as garotas bonitas e felizes. Quando ele falou para a Márcia, o Renato e a Paula que tinha conseguido a maconha todos acharam legal, mas ninguém sabia o que fazer com aquele montinho de mato prensado. Porque tudo que eles sabiam sobre maconha tinham visto nos programas da History e da Discovery. Porque era só enrolar, fumar, esperar o mundo começar a mudar de cor e a polícia chegar, atrás da quadra, na hora da saída, enquanto tiver todo mundo lá no portão. Como a Márcia tinha asma e o

Renato e a Paula estavam com medo, só o Cenora fumou. E agora ele era o garoto estranho drogado da oitava série, pronto para pegar uma arma e sair atirando para todos os lados porque ninguém gostava dele e um monte de gente chamava ele de lorpa. E a velocidade da informação + o facebook + a falta do que fazer de quem não faz nada tinham colocado ele no topo do trending topics da escola. Porque para ele tinha sido legal, e ele era o maior de todos, e não falava nem que sim nem que não, só dava uma risadinha enigmática. Porque o Cenora não tinha a menor idéia do que tudo aquilo significava ele se sentia um astro. Como em Hollywood quando os artistas entram no tapete vermelho e todo mundo quer tirar fotos e fazer perguntas e estar ali com eles. Mas agora ninguém queria saber como tinha sido, nem se ele tinha mais, nem se ele ia atrás da quadra todo dia. Por causa do que a Márcia, o Renato e a Paula disseram, que ele tinha dado um trago e tossido tanto que caiu rindo, e os três foram embora assustados e não fumaram. E o Cenora jogou o que sobrou fora porque pensou que já estava muito louco, e o jardineiro achou aquela coisa e levou para a conselheira que descobriu tudo. E agora ele não jogava bola, ficava sentando num canto esperando alguém dizer qual era o próximo passo. Porque ele não tinha a menor idéia do que estava acontecendo, e estava gostando de ver todo mundo cochichando e olhando para

ele, ele não dizia nada, apenas sorria. Quando ele entrou na sala da diretora a professora também estava lá, e a conselheira, e o seu pai e a sua mãe, sentados com cara de que o fim do mundo era só questão de mais uns tragos, e o Cenora pensava em como foi difícil quebrar aquele mato, e que a folha de caderno não queria grudar uma na outra, e que a folha começou a pegar fogo, e ele sentiu a mão queimando, e engoliu aquela fumaça, e tossiu tanto que perdeu o ar e ficou tonto e caiu. Porque tudo era uma questão de ver o mundo com a mente aberta. Como o Russell Hammond em Quase Famosos ou as músicas do Planet Hemp. Porque a diretora disse que a maconha é só o começo, e que se eles perdessem o controle agora perderiam para sempre, e a mãe dele começou a chorar, e o pai balançava a cabeça, e a conselheira queria saber se ele tinha conseguido aquilo dentro da escola. E o Cenora não estava mais no tapete vermelho, e ele não sabia o que dizer e começou a chorar e correu para abraçar a mãe dele, que chorava também, e agora o pai dele chorava, e a conselheira e a diretora colocavam a mão no rosto e olhavam com compreensão. Porque Cristiane F. não é só um filme barato de trinta anos atrás, é a verdade, é o que acontece, e a mãe dele via acontecer todo dia no programa da Márcia Goldsmith, e o pai dele tinha um primo que estava preso que tinha começado igualzinho. Como todos aqueles rockeiros drogados

que morreram com 27 anos porque fumaram um baseado na escola. E tudo porque ninguém fez nada no começo, e eles iam fazer. Porque o Cenora precisava entender o quanto aquilo era horrível e o quão perto ele estava do abismo. Porque a Márcia, o Renato e a Paula tinham sido amigos dele contando tudo para a diretora. Porque todo mundo só queria o bem dele. Porque ele tinha uma vida inteira pela frente. Porque ele era inteligente, legal e bonito. E por causa disso ele ia só tomar uma suspensão, e tinha que ir na psicóloga, e não ia poder mais jogar video-game, nem sair do eixo escola-casa / casa-escola, nem ia para a Disney nas férias, nem ir no clube no final de semana, e ia ter que dar a senha do facebook para o seu pai, dormir cedo, levar o cachorro para passear e limpar o quarto o resto do ano.

It's only Rock'n Roll

[Sentado na escrivaninha.]

É a porra de um trabalho criativo. Todo mundo diz que sou criativo. Então eu devo ser criativo porra! Você faz em cinco minutos e um baseadinho! Ele devia ter falado: “Não quero pagar ninguém para desenhar esta merdinha que qualquer idiota pseudo-artista de bosta pode fazer, e você é um idiota pseudo-artista de bosta.” A tela do computador em branco, a conta no banco em vermelho e minha mente puta da vida. Tô desde as sete da manhã enterrado nesta cadeira esperando uma ideia. Baseadinho, tirinho, golinho e nada de nada. Continuo tendo que ir trabalhar de garçom sempre que tem trabalho, e preciso que tenha trabalho todo dia se quiser continuar reclamando dessa vidinha cretina com o aluguel em dia. Nem tão cretina, a noite de ontem valeu tanto a pena que ainda não acabou. A Alessandra podia brigar com o namorado mais vezes. Abre aqui, estica lá, pula, e o Kama Sutra é literatura juvenil para ela. Dane-se este role, mais uma vez. Vou dormir.

algum.”

“Se não esta bom para você tudo bem. Desculpa te acordar.”

“Fica sussa. Desculpa aí.”

“Falô.”

“Falou.”

[Dormindo.]

ZZZZZZZZZZZZZZZZZZZ.

[Telefone tocando.]

“Hã?”

“Bom dia querido. Também acordei só agora.”

“Ainda não acordei, baby.”

“(risadinhas) Você vai trabalhar no bar hoje?”

“Não, hoje vou servir alguma coisa estranha num restaurante indiano.”

“Posso ir lá?”

“Se você gostar de curry.”

“Bobo.”

“Que horas são?”

“Cinco e meia.”

“Preciso estar lá as sete. Saio um pouco depois da meia noite.”

“Eu passo lá depois da aula.”

“Beijos.”

“Beijos na sua orelha.”

[Tomando banho.]

*“Is it my imagination
Or have I finally found something worth living for?
I was looking for some action
But all I found was cigarettes and alcohol...”*

[Metrô.]

“Próxima estação, Vila Madalena.”

[Trabalhando.]

É a porra de um trabalho escravo. Arrumar mesas, carregar estas bandejas fedorentas, escutar o papo escroto destes cretinos que vêm aqui, limpar banheiro sujo. Tudo pela fortuna de setenta pilas. É a porra de um trabalho escravo. Não gosto de foder só com os imbecis que comem aqui, adoro foder os donos desta pocilga fedorenta. Hoje a Alessandra não vai pagar a conta e vamos ter bebida boa para noite. Já aquele engomadinho com cara de idiota e a sua namoradinha nariz empinado vão achar que comeram curry demais. Laxante neles. Valium para o chefe pai chato ficar cal-

minho e fechar cedo. Foi junto com o primeiro chope que aquele monte de estrume pediu. Esta tudo armado para sair daqui e ir correndo para casa com a Alessandra e ver o que ela tem à ensinar esta noite. Separei um docinho para colorir a vida. E vamô que vamô. Ela já esta me esperando no estacionamento com um baseado.

[Dentro do carro esfumaçado.]

“O que são estas garrafas batendo na sua mochila?”

“Temos uma legítimo Bhang e um Black para hoje. Vamos para casa, tem mais uma surpresinha lá.”

“Surpresinha?”

“Tenho um doce que sobrou de uma role da semana passada e colchão d’água.”

“(risadinhas) Você vive de ficar louco?”

“De transar também...”

“(risadinhas sacanas) Gostoso este restaurante. Não conhecia.”

“É, a comida é boa. O que você sabe sobre a Índia?”

“Que lá tudo é meio sujo.”

“Cuidado, tem gente que pode dizer que isso é cultura e que você é preconceituosa.”

“Meu Deus, como as pessoas são hipócritas!”

“É baby, na China eles comem cachorros.”

“Ainda bem que não estamos na China.”

“É, mas aqui também esta cheio de chinês.”

“Vamos parar em algum lugar ou vamos direto para sua casa?”

“Vamos pegar cigarros em algum posto, os meus estão acabando. Você quer bright?”

“Pode ser também.”

“Então vamos dar uma paradinha rápida lá na República.”

[Curtindo a noite adoidado pelados.]

Traficante filho duma puta, os dois pinos tavam pela metade. A Alessandra não aguentou nada esta noite. Nem uma fodinha. Não aguento mais ficar aqui olhando ela acabada e pelada. Estou fissurado com só meia garrafa de Black e ela tá estatelada no colchão d'água. Acho que foi o Bhang que fodeu com tudo. É fraquinho, ela tomou como se fosse chá de camomila. Porra! Não sobrou nem um tirinho e o sol já tá nascendo. Acabou o cigarro. Será que tem um baseado em algum lugar por aqui? Porra! Não acredito que vou ter que sobreviver a esta merda de noite fumando umas pontas. Vida maldita! Parece que este computador fica olhando para mim e gritando: PRODUZIR! PRODUZIR! PRODUZIR! Vai se fodê! A única coisa que vou produzir é remela de nariz.

All Star #34

A cara que a Ana Paula fazia enquanto o professor de química tentava explicar para gente alguma coisa sobre ligações iônicas me levava há uma realidade com crianças brincando na grama numa manhã feliz de domingo. A distância entre nós é muito maior que o fundão e os CDFs lá da frente. Queria ter nascido para merecer garotas como ela, mas não foi o caso. Ia acabar sendo uma coisa tipo aquela música do Nazareth, Hear of the dog. Sem dúvida não quero isso para minha vida, e nem é hora de pensar nisso. Não sei, mas as vezes acho que perco muitas garotas porque já estou projetando uma vida inteira com elas antes mesmo do primeiro beijo. Sou patético. Era tudo que aquela aula tinha me ensinado. “Vamos no sítio da Tati fumar hoje a tarde?” Os bilhetinhos da Julia pareciam pré-prontos, sempre terminavam com ‘fumar hoje a tarde’. O que variava era o lugar e com quem. Para mim estava ótimo, desde que ela estivesse lá. Guardei o bilhetinho na mochila para minha coleção e respondi balançando a cabeça com um sim.

Acordei do meu cochilo matinal na classe já no fim da aula de biologia. A Paula, a Julia e a Tati estavam conversando e rindo. Devia ter alguma coisa a

ver com os caras que elas ficavam, o que não me incluía. Estava arrumando minhas coisas e elas estavam vindo na minha direção. “Você tem nhacoma?”, disse a Julia. “Tenho, pode deixar que eu levo. Alguém podia arrumar um radinho para a gente ficar escutando o programa do Tony Rock.” Não sei, as vezes acho que a vida sem trilha sonora fica vazia. “Vou pegar o da cozinha de casa”, respondeu a Paula. “Você não quer ir também Carl?”, perguntou a Tati para o Carlos, que estava do nosso lado esperando o movimento andar. Não gosto quando as garotas ficam usando estes apelidinhos com os caras que uma delas esta ficando. “Vou sim, que horas.” “Umás três, o pessoal passa na sua casa quando estiver indo.” “A Paula passa em casa, depois a gente passa na Julia, na sua casa, e chega na casa da Tati quando estiver seco de sede e com a cara suja de terra.” Todo mundo riu e a turma tarde no sítio estava pronta.

Preparei os baseados antes de sair de casa e quando a Paula chegou já estava lá na frente esperando ela. “Não vamos sair andando pela cidade com este rádio ligado. Não fiz tudo que fiz, nem passei pelo que passei, para parecer um idiota andando na rua.” “Não era você que fazia questão do rádio?” “Para a gente escutar lá, e não para compartilhar com a humanidade. E não vamos abusar das pilhas.” Não sei, as vezes parece que as pessoas estão tão preocupadas

em mostrar sua felicidade para o mundo que se esquecem de serem felizes. Passamos na Julia, depois no Carlos e paramos no mercado do Seu Tonho. Pegamos chocolate, batatinha e refrigerante. Andamos uns dois quilômetros que pareceram dez pelo cansaço e cem metros pelas conversas no caminho. Na porteira tinha uma corda amarrada nuns postes que tocava um sino lá na cozinha da casa onde a Tati morava. Tudo lá era quase como nos filmes de Velho Oeste. Puxamos a cordinha e já fomos indo para o celeiro esquecido e caindo aos pedaços que ficava no extremo sul. A Paula ligou o rádio e o Tony Rock estava mandando Dancing with myself, do Billy Idol, alto e barulhento direto para nossos ouvidos. Quando caiu na corrente sanguínea começamos a pular e tocar air guitar como quem anuncia para o mundo que a felicidade chegou.

A Tati apareceu com uns pedaços de bolo que a mãe dela tinha feito. A gente foi sentando enfileirado na parede do celeiro. Esperei para ver onde a Julia ia sentar e sentei do lado direito dela. Não sei, as vezes sonho que ela pode virar para mim do nada e dizer “eu também te amo” e me dar o beijo que vai me levar direto ao paraíso. Estar perto dela aumenta as chances. Acendi o baseado e passei primeiro para ela. Depois acendi o segundo e passei para a Paula que estava na minha esquerda. “Dois?!”, o Carlos parecia assustado. “Este não está muito bom, e estamos em muitas

cabeças. Tem mais para a volta.”, respondi sabendo que não era verdade. Queria chapar até ver duende mesmo. Depois que os becks acabaram o Carlos e a Tati foram se pegar dentro do celeiro. Eu a Julia e a Paula ficamos parados viajando no horizonte e em Supersonic do Oasis. As vacas do pai da Tati começaram a se amontoar na sombra de uma árvore perto da gente e foi como se elas estivessem se preparando para roubar nossa brisa. Percebi que a Julia não estava confortável com o movimento. Eu estava esperando a hora que todas aquelas vacas iam levantar e disparar loucamente correndo em nossa direção para salvar a vida dela. Depois a gente ia ser felizes para sempre.

Foi a Paula que trouxe as cabeças flutuantes para a Terra de novo. “Porque os homens não podem ser como os animais?” “Minha nossa! No que ela estava viajando?”, pensei. “Porque eles não tem Rock’n Roll, nem maconha, nem chocolate. Já comemos todo o chocolate?” A Julia disse tudo que eu queria. A gente pensava igual, tínhamos nascidos um para o outro. “Ainda não.” Peguei a sacola que estava no alcance da minha mão e passei para ela. O sol começou a se pôr e parecia que uma explosão de cor tinha acontecido no horizonte. O Tony Rock estava encerrando a programação com Do I wanna know do Arctic Monkeys e a Julia se encostou em mim e colocou a cabeça no meu ombro. Não sei, mas as vezes acho que a gente

vive numa guerra fria do amor: quem vai se entregar primeiro? O Carlos e a Tati estavam abraçados de pé vendo a nuvens ficarem em tons púrpuras no pôr do sol mais gostoso de todos os tempos. Nem percebi quando eles saíram do celeiro. Não tinha mais larica, nem baseado, nem Rock'n Roll e nem sol. Levantamos, juntamos toda sujeira numa sacola, e fomos embora.

O buraco espacial e os pigmeus destemidos

Depois de seis meses Mariana decidiu trocar de bar. A dívida de cento e cinquenta pilas no bar Bante já era impagável para ela. O acordo proposto pelo dono foi bom. Esquecia os dividendos desde que ela nunca mais pisasse lá. “Não gosto de você aqui. Meu bar não é puteiro”, disse o velho barbudo. “Por isso você não fica com nada do que ganho”, lembrou ela. “Tenho quatro tetas e não preciso aturar isso.”

O bar do Jaime era como qualquer outro. Tinha um balcão, banquinhos, mesas e cadeiras. Tudo de madeira pesada de origem questionável. Tinha ele, a garçonete (que era filha dele) e um bando de bêbedos inúteis. Serviam bebida barata, água da torneira e o banheiro era tão nojento quanto a cozinha. Por tudo isso ela já se sentiu em casa logo na primeira visita.

A segunda-feira era um dia com pouco movimento, e Mariana não estava esperando por trabalho. Bebia por puro esporte. Era só mais uma noite que tinha que passar rápido. Quando ele entrou o Jaime deu um passo para o lado e passou a mão no pau de amansar tarado. Mariana percebeu o movimento e se interessou pelo maltrapilho. Ele percebeu o interesse

dela e sentou do seu lado. “Duas doses de Vermont e uma cerveja para nós cinco.” O Jaime serviu as bebidas e não perdeu a chance de se livrar do problema. “Vou fechar em dez minutos.” O trolha se virou para Mariana e vidrado nas quatro tetas perguntou: “Vocês querem se divertir?” “Tudo tem um preço”, respondeu ela balançando os brinquedos. “O que tenho para você é impagável.” Ele abriu a carteira, tirou um comprimido verde e colocou na língua dela. Ela sorriu e engoliu.

Antes mesmo de terminar a primeira garrafa Mariana já estava rindo histericamente sem nem saber do que. O hippie sujo contava histórias sobre suas viagens e experiências xamânicas no deserto na década de 80. “Os Manitos são um exército de Pigmeus que viviam no centro da Terra, mas por causa do aquecimento global tiveram que vir para a superfície fugindo do calor. Vieram até mim em um calvário que passei atrás de raízes no Peru.” “E agora você tem que cuidar deles?” Mariana falava e ria por compulsão. “É como uma maldição. Eles acham que as mulheres carregam no meio das pernas o portal para o paraíso. Dizem que tem que procurar em todas. Se levar uma mulher por dia eles me deixam em paz.”

Carregada pelo elo perdido os dois saíram de lá. Quanto mais andavam mais as ruas ficavam escuras. Mariana não conseguia mais formular frases com al-

gum sentido, o purcuntroço também não parecia mais interessado. No fundo de um terreno baldio tinha uma pequena construção esquecida entre o mato alto. Os dois conseguiram chegar até a porta e o infeliz tirou uma chave que estava escondida em seu saco. “Você tem que entrar sozinha.” Ele empurrou Mariana, que foi no embalo.

Quando a porta se fechou uma luz acendeu. Os pequenos homenzinhos começaram a sair de todos os buracos possíveis como formigas correndo até o pote de mel. Pareciam milhares. Eram organizados e tinham um plano de ação. Alguns deles começaram a laçar Mariana com cordas. Outros começaram a subir pelas suas pernas e se amontoar na entrada do túnel do amor. Ela se jogou no chão gemendo e ameaçando os Pigmeus por entre suas virilhas. Eles amarraram seus braços e suas pernas abertas. Em bandos eles entravam secos e saiam molhados lá de dentro. Outros subiram nos seus peitos e corriam por entre as quatro tetas como crianças se divertindo nos corredores do restaurante. Uns vinhas escorregando pela pista de sua barriga até acertar os outros pequeninos que esperavam pela ducha de amor. Mariana não conseguia se controlar mais. Gozou duas vezes em dez minutos e apagou.

Fim dos meus dias

Love In Vain. Rolling Stones na veia. O momento é: um pufe, um baseado, uma dose de whiskey barato e um dia com o qual poderia viver o resto da vida sem ter vivido. Neste momento Love In Vain é mais que uma música, quase faz valer a pena. Em seis minutos começa Wild Horses, com a brasa queimando lentamente e o liquido escorregando pela garganta.

O pufe. Por qual motivo me levantaria do almofadado pufe? Para pegar cigarros. E você descobre que o mundo realmente gira. E a esperança se acende no monitor do computador em branco. Trabalhar, tenho que trabalhar. As vezes penso demais. Deveria me divertir. Fazer alguma coisa legal. Tipo andar de buggy na praia com um monte de garotas bonitas e felizes e depois fazer uma suruba.

Um chuveiro. Um bom banho resolveria alguns problemas. Bom banho. Que falta sinto deles. Um chuveiro jorrando água quente. Um sabonete macio deslizando no meu corpo molhado. O cheiro do xampu. A água batendo na nuca. Tenho uma goteira morna. Olhando por um certo ponto de vista, poderia ser pior.

O sofá. Deitado nele rezando para que os minu-

tos não passem e o amanhã não chegue. Mas o relógio é religioso. A música acelera o tempo. Uma palavra define o que pensei nas últimas duas horas: nada. A única coisa compreensível que passou pela minha cabeça neste tempo foi: “Poderia estar fazendo algo de útil.” Seguido por: “Que bom que não estou.”

Esta frio. Me enrolo nos cobertores e desabo no colchão que esta na sala. Ando dormindo na sala nos últimos dias. Fica mais perto da porta para sair de manhã. E mais perto dela quando chego a noite. Ligo a TV. Imediatamente vejo uma loira, de parar o trânsito, com um microfone na mão. Penso: “Ufa, ainda bem que está no mudo”. Tem uma morena num outro canal. Agradeço mais uma vez o mudo. Santa invenção. Um controle remoto com um botão que faz com que a televisão se cale. A televisão fica muito mais interessante quando só se vê, e se escuta Angie.

Banho fatal. Prezo pela minha higiene mesmo que não pareça. Não aguento mais sentir meu cheiro. Vou encarar o regador entupido. Fecho tudo, o menor vestígio de vento gelado pode ser sentido do banheiro. Meu banho demora cerca de dez minutos. O alto tempo se deve a dificuldade em molhar todo o corpo.

Comer. Isto implica em fabricar sujeira, e trabalho doméstico. Mas a barriga grita que tenho que me alimentar. Não sei o que corrói meu estomago: a fome ou o álcool. Quero algo simples e não tenho nada

mais complexo. Pão velho na chapa com manteiga e um copo de leite. Rápido e prático. Nada mal. Quase nada sujo. Tem muito nada acontecendo ultimamente.

O computador. O maravilhoso e supremo computador. Ele consegue te fuder em duas frentes com um só golpe. Na conta telefônica e de energia. Já é meia noite. Nem vi o tempo passar. Estou uns cinco reais mais fodido. Oito se for contar a geladeira. Não ganhei nada desde que pisei em casa. Amanhã arrumo alguma coisa e na soma total tiro uns trocados.

Notícias! Começou o jornal. As manchetes me confirmam: odeio o governo. Este, o passado e muito provavelmente o próximo. Os gols, quero ver gols. Agora tem jogos de segunda. A semana do cara já começa uma bomba. As notícias pioram tudo. Mas no final se o time dele ganhou esta tudo superado. Já reparou que o jornal sempre termina com notícias relativamente boas?

Fim da linha. Volto ao colchão. Chego a conclusão que não deveria ter deitado nele com a roupa que passei o dia. Talvez não devesse ter levantado de manhã. O cheiro impregnou. Eu realmente estava fedendo. Dou uma cochilada e faço mais um buraco no lençol. Jogo o cigarro no cinzeiro e apago. Com a boca aberta. Como uma criança.

Ratos e ninhos de amor

E ele suava como um porco e fedia azedo. Carregava uma pasta e um lenço branco embabado naquele líquido fétido que escorria por todo seu rosto e ensopava aquela barba nojenta. As pessoas fingiam que não notavam. Mas não tinha como. A sala de reuniões ficava empestada pela sua presença. “Não há muito o que dizer. Ele nos causou um prejuízo de cinco mil. Não temos espaço para incompetentes.” Ninguém contestava o que ele falava para poder estar longe dele o mais rápido possível. Faziam desenhos em folhas em branco para não precisar olhar sua cara. “Comuniquem ele até o fim do dia.” Tudo bem, todos farão o seu melhor para não precisar mais passar por isso. O único ato espontâneo de alguém em sua presença seria sair correndo. Enquanto ele dobra os papéis e coloca na pasta as pessoas já estão se levantando e olhando para a parede. “Eduardo!” Não! Eu não! Hoje não! Nunca não! Seu Alceu sinaliza para o executivo que tentava sair. O resto continua andando focado na parede com um misto de alívio e dúvida. Afinal, era o chefe do RH e o ceifador implacável. “Hoje podemos tomar aquele drink que você está me devendo. Por minha conta.” Não, por favor Deus, não! “Claro. Passo

na sua sala no fim do dia.”

A submissão funciona como uma certa autocensura que transforma o homem num rato condicionado. No resto do dia ele pensou em uma forma de se livrar daquilo. E Eduardo estava dentro do carro dirigindo pela 9 de Julho pensando em ser parado por um blitz e preso por qualquer crime para se livrar daquilo. E ele suava como um porco e fedia azedo. “Um homem merece ter seus prazeres depois de um dia de trabalho.” Você fede seu porco desgraçado! “Com certeza.” Como se fosse um remédio para dor de cabeça, o Seu Alceu tira do bolso uma cápsula com um pó branco e faz duas carreirinhas em cima do manual do carro que ele pegou no porta-luvas. Ele abaixa o nariz para cheirar e a outra carreirinha se dissolve no suor da sua testa. Ele passa a mão na testa, lambe, vira a capa do manual, seca com a manga da camisa em movimento giratórios e estica outra carreirinha. Eduardo cheira. “Vamos naquele hotel novo que abriu perto do aeroporto. O hotel das universitárias.” Puta que pariu! Velho babão de merda!

Os vidros fechados por causa do ar condicionado e o cheiro escatológico girando por todos os centímetros quadrados. O trânsito travado numa terça-feira interminável. O aeroporto parecia estar a anos luz dali. E ele suava como um porco e fedia azedo. “Vamos no velho casarão da Rua Augusta. Vamos demorar horas

para chegar até o aeroporto.” “Não, não. Não quero mais ver a Xarlene.” Ela que não quer te ver. Ninguém quer te ver seu fudido de merda! E o impulso de fugir soca a mão na buzina e o pé no acelerador. Por favor! Alguém me mate! “Deixa o rádio na CBN pra eu saber como o mercado esta reagindo a troca de ministros. No fim não vai mudar nada.” Haaaaaaaaa! “Estou achando que o departamento comercial esta acomodado com as metas baixas. Acho que vou pressionar a Dona Marlene por mais contratos.” Foda-se! Foda-se! FO-DA-SE! “Melhor que dinheiro só mais dinheiro.” Chega logo lugar do caralho! “Aquela velha sabe como ganhar dinheiro. Ela até merecia uma boa foda. Quanto tempo será que faz que ela não dá uma trepada animal?” Cala a boca seu cretino bastardo! “Não sei se ela sabe o que é isso. Conheci o marido dela uma vez numa churrascaria. Tem cara de paspalho.” Eu vou te matar! Eu vou te matar! “Chegamos.”

Uma senhora cheia de penduricalhos e com cara colorida de pó de arroz recebe os dois na porta. “Boa noite senhores. Já sabem o que querem?” “Sim. Duas estudantes de engenharia de uma faculdade católica e uma garrafa de whiskey 12 anos.” A senhora faz um gesto e duas garotas, uma loira e outra morena, se aproximam. Seu Alceu junta a morena e senta de um lado da mesa alisando as pernas dela com as

duas mãos, tentando agarrar tudo que pode. E ele suava como um porco e fedia azedo. Eduardo senta com a loira do outro lado. O garçom traz a garrafa e entrega uma comanda para cada um dos dois. “É o seguinte. Primeiro você vai comigo, depois com ele. A loira a mesma coisa.” Puta que pariu! Não vou tocar nela depois de você nem a pau! “Pega uma garrafa destas para você porque esta vou levar comigo.” Some da minha frente! Um vai para o quarto da direita e o outro para o quarto da esquerda.

Enquanto Seu Alceu fodia a morena de quatro Eduardo estava se explicando para a loira. “Não dá. Não consigo sabendo que aquele escroto esta fodendo no outro quarto.” Nhéc, nhéc, nhéc. Tum, tum, tum. “Meu Deus! Aquele animal deve estar esfregando aquele suor escroto nela. Como vocês se prestam a isso?” Cinco minutos depois que os barulhos pararam a morena entrou no quarto pelada e acabada carregando as roupas na mão. A loira fez cara de desespero e saiu. A morena entrou no banheiro e ligou o chuveiro. Os barulhos recomeçaram. Nhéc, nhéc, nhéc. Tum, tum, tum. Eduardo virou uma talagada da garrafa, passou sua comanda duas vezes no leitor digital e voltou para o bar. Seu Alceu apareceu carregando o paletó pelo dedo jogado nas costas e com a gravata enrolada no pescoço. E ele suava como um porco e fedia azedo. Os dois entraram no carro e foram embora.

“Queria foder assim a Dona Marlene.” Quero muito te dar um soco na cara. Imbecil! Eduardo deixou Seu Alceu no estacionamento do prédio do escritório e foi para casa. Seu Alceu pegou seu carro e foi para a sua.

All Star #39

Nunca fui para escola estudar. Quando se esta no terceiro colegial é preciso de mais do que isso para acordar com o sol nascendo e encarar um professor chato falando de fórmula de Bhaskara, ou outra coisa estranha assim. Meu motivo para ouvir os pássaros cantando logo pela manhã era ver a Julia. O dela era estudar. Conseguia imaginar ela sendo uma grande advogada, defendendo todos os oprimidos e injustiçados. Ganhando todos os casos. Morando numa casa grande, com jardim e flores. Feliz. Com a música tocando e ela dançando. E eu queria estar lá, com ela. E isso parecia tão distante quanto o Alasca. E eu não tinha a menor ideia de como chegar no Alasca. Porque nunca vou ter dinheiro para ir até o Alasca. Porque eu não sou exatamente o tipo de cara que uma garota escolhe para ir para o Alasca. Porque a minha realidade não ia muito além de alguns baseados e aventuras idiotas que um dia vou ter vergonha de contar.

Esperei uns dez minutos, vivendo do conto de fadas que minha imaginação fértil desenhava no coração, para ver se ela ia me dar um pouco de atenção. Mas ela parecia decidida a aprender matemática. Eu precisava descontar uma madrugada inteira perdida na internet, então abracei a carteira, montei um traves-

seiro de cadernos, e dormi. Acordei para o primeiro intervalo e fui para a garagem dos ônibus fumar escondido. “Vamos hoje a tarde na sua casa escutar The Verve e assistir Quase Famosos?” Ouvi a voz da Julia vindo por entre o corredor de ônibus, e ela apareceu com um salgado e um copo de coca na mão. “Vamos sim. Vou pegar uma parada na favelinha quando sair daqui para gente fumar. Que tal umas 3h?” “Pode ser, mas se a gente vai fumar precisa ter alguma coisa para comer.” “Tudo bem, vou preparar uns petiscos.” Agora até sentia que estava feliz. Poderia passar cem anos assistindo filme, fumando e comendo com ela. “Vou chamar a Paula também.” Claro que vai. Meu quarto era fora da casa, dava para fazer muito mais que comer, fumar e assistir filme. Dava para fingir que a gente morava sozinhos e podia fazer tudo que queria. Escutar música alta, maconha, passar a noite acordados. Era quase como ser livres. “Tudo bem. Acho que a Alina e o Enrolado vão passar lá também.”

Quando as meninas chegaram estava acabando de preparar os comes e bebes. Queijo com orégano, batata chips e coca gelada. Barra de chocolate de sobremesa. “Porque você coloca tanto poster na parede? Parece que tem um milhão de pessoas olhando para a gente aqui as vezes”, comentou a Julia se ajeitando no canto da cama. “Se você quiser posso jogar todos eles fora.” Não falei isso, mas gostaria. Coloquei o

Urban Hymns direto em Velvet Morning. “Essa música é melhor do que a primeira.” Sabia que a Paula gostava mais desta do que de Bitter Sweet Symphony, e assim não parecia que estava fazendo tudo para a Julia. “Acho que o CD inteiro é foda.” Foi isso o que eu disse. Sentei na escrivaninha e comecei a bolar baseados. “A gente vai fumar tudo isso?”, perguntou a Paula. “Não sei, mas não vai precisar parar o filme para fazer isso.” Os outros membros da equipe tarde feliz chegaram. A Alina estava com cara de quem tinha um problema. “Minha mãe disse que se eu não passar no vestibular vou ter que trabalhar com ela na loja no ano que vem.” “Se eu estivesse no seu lugar parava tudo e estudava muito”, respondi pensando no quão chata era a mãe dela. “Ou ia dormir no trabalho também, não é verdade?” O Enrolado tirou onda da minha cara e a Julia caiu na risada. Do jeito que ela ria tinha certeza que ela achava que eu era um idiota.

Acendi dois baseado e coloquei na roda. “Esta é a G-13”, brinquei. “Então vou fumar e me enterrear nesta cama”, disse a Julia. “Você pode viver aí se quiser.” Não falei isso, mas gostaria. “Acho que se não existisse maconha eu inventava”, disse a Alina e todo mundo gargalhava. “Do jeito que você é só se fosse por acidente...”, e a Julia levou a histeria a níveis ainda desconhecidos para pessoas como a mãe da Alina. “Muitas coisas foram inventadas por acidente,

o microondas, o plástico, esta batatinha...”...fui interrompido pelo Enrolado...”...até você...”...e a gente ria tanto, e olhava um para o outro e ria mais. Tinha certeza que eu era um completo idiota.

A Alina e o Enrolado saíram pouco depois que a sessão tudo é muito engraçado acabou, tinham aula de inglês. Coloquei o filme e deitei no chão. Aproveitei que a Paula foi no banheiro para subir um degrau e sentar aonde ela estava com a Julia na cama. Não fiz isso, mas gostaria. Olhava para a televisão e me via no lugar do William Miller, e a Julia era a Panny Lane. Na verdade ela é muito mais bonita Kate Hudson. Dormi antes de descobrir que os dois nunca iam ficar juntos. Acordei com o televisão na novela das sete. Já era noite, e a Paula não estava mais lá. Carinhosamente coloquei a mão nos ombros da Julia e com uma voz suave acordei ela também. Ela deu um gemido leve, se espreguiçou e bocejou com tanta vontade que poderia engolir o mundo. “Se você quiser pode dormir aqui hoje.” Não falei isso, mas gostaria. Acompanhei ela até o portão. Quando fomos nos despedir estávamos meio sonolentos, e por um instante eterno o canto dos nossos lábios se tocaram. Senti como um frio na barriga como se estivesse no Alasca. Ela sorriu e foi embora.

Perdendo tempo e ganhando a vida

Me acordaram as sete e meia da manhã. Era sábado. Quando se mora de favor muitas vezes dormir é um luxo. Fui deitar umas três horas. Fiquei jogando conversa fora e fumando um com a galera da rua. Não estava com a menor vontade de levantar e ir hablar espanhol. Falei para minha tia que estava com dor de cabeça e não ia. Ela queria mostrar atenção, eu não sabia porque.

– Toma um remédio.

– Não, obrigado tia, não tomo remédio. – Ela estava bem intencionada, só não compreendia a situação.

– Mais precisa tomar, vai ficar com dor de cabeça?

– Me deixa dormir um pouco que passa.

Ela saiu do quarto, virei e fiquei meio vivo meio morto. Viver em apartamento é uma merda, é pequeno e tem sempre alguém que fala alto. Eles estavam falando alguma coisa de mim, talvez sobre minha atitude. Não estava muito preocupado, só queria dormir até umas dez horas. Minha tia voltou para o quarto.

– Fiz um leite para você, toma que passa. – Tinha certeza que ela colocara remédio no leite, porque

diabos queriam me enfiar aquilo pela goela?

– Deixa ai em cima que eu vou tomando.

– Como está a cabeça?

– Do mesmo jeito que estava há cinco minutos atrás, martelando.

– Se não tomar remédio não vai passar.

– Vai sim. Fica tranqüila.

Escutei todo mundo saindo para algum lugar. Dormi aliviado até as dez e meia. Acordei pensando em ir à aula de espanhol à tarde, mais desisti rapidamente. Me troquei, peguei minha mochila e sai, com vinte mangos no bolso. Fui pegar o ônibus para ir à Rua Augusta, tinha que fazer uma reportagem lá. Estava com a cara amaçada, afinal, estava com sono. Minha tia passou no ponto justamente enquanto eu estava lá. Ela parou na farmácia que tinha do lado e veio até mim.

– Nossa, você esta vermelho! Esta tudo bem? E a cabeça? – Foi logo colocando a mão na minha testa.

– Já esta passando, vou para Augusta fazer um trabalho, tenho certeza que lá vai passar.

– Acho que você esta com febre, quer que eu compre um remédio? – Putz! Tudo porque eu inventei uma dor de cabeça, ela já começava a virar real.

– Não tia, pode ficar tranqüila, eu estou bem.

Ela foi embora, meu ônibus apontou na reta onze horas. Entrei e fiquei olhando a manhã de São

Paulo. Não me lembrava de ter feito isso, saído para ver o sol da manhã. Contando onze horas como ainda de manhã. A cidade estava vazia, ainda bem, se não o trânsito ia estar um inferno. No ônibus tinha duas velhas gordas, com cara de mal comidas, o cobrador estava cochilando, e aparentava ter uns dezesseis anos, acho que isso é ilegal. O motorista era um velho com cara de pingüço, no banco atrás do meu tinha uma mina escutando walkman. Ela tinha aquele jeito rock'n roll meio nonsense. Pensei em chamar ela para ir à Augusta caminhar comigo, mais não sei porque não chamei. Ou sei. Tinha um trabalhador dormindo no último banco, não cheguei perto. Por experiência sabia que ele estava fedendo.

As pessoas andavam sorrindo na rua, gesticulavam para todo lado. Não sei porque alguém poderia estar feliz com alguma coisa. Ou sei. O sol tem um brilho diferente de manhã, mais intenso. Agredia meus olhos. O trânsito fluía bem, mas fluiria melhor se não tivesse tanto semáforo da Rebouças.

Desci na Augusta onze e meia. Lembrei que não tinha comido nada. Olhei e vi um buteco meio limpo na frente do ponto. Tinha uns pedreiros almoçando lá. Achei que não devia ser muito caro e entrei. Sentei no balcão e o cara veio.

– O que vai ser?

– Um refrigerante pequeno e uma coxa de fran-

go empanada. Traz catchup e mostarda também.

Tirei da mochila um bloco de anotações e o gravador. O cara trouxe o que pedi, como não tinha mostarda ele trouxe pimenta. Não entendi a relação que ele fez, se ele só tinha pimenta ou se achava que mostarda e pimenta tinham alguma coisa a ver. Ia tomando o refrigerante enquanto verificava se estava tudo certo com minhas ferramentas. Comi a coxa de frango vendo um programa de esportes que passava na televisão, não arrisquei a pimenta. Enquanto tomava o resto do refrigerante anotava algumas perguntas, para eu ter um roteiro. Pedi a conta.

– Quanto fica o meu aí amigo?

– Três reais.

– Putz! Quanto que é a coxa de frango? E o refri?

– Um e setenta a coxa, e um e trinta o refri.

– Puta merda! Toma esta porra, nunca mais volto aqui.

Sai de lá com três reais a menos, pensei que ia dar uns dois conto tudo, me senti roubado. Fui subindo a Augusta, estava na parte mais nobre. Onde tem as lojas grandes. Tinha um monte de velhas emperiquitadas com bijuterias e com quilos de pó de arroz na cara, tudo vendo vitrine. Não tinham um centavo no bolso e ficavam bancando as milionárias. Iria tentar falar com uma ou duas mais tarde. Entrei na Galeria

Ouro Fino para dar uma olhada, estava vazia. Tinha umas lojas legais, uns estúdios de tatuagem e uma loja só para maconheiros. Passei em frente uma joalheria e vi um velho. Ele devia ter a loja ali a anos, poderia falar alguma história legal para a reportagem. Fui conversar com ele.

– Ola, eu escrevo para a revista Paulistana, estou fazendo uma reportagem sobre a Augusta, poderia conversar com o Senhor um estante.

– Não, estou lendo o meu jornal. – Ele pegou abriu o jornal e se escondeu atrás dele. Turco sacana, se tivesse comprado um relógio ele tinha falado. Virei as costas e fui embora.

Comecei a desanimar, já não sabia muito bem como começar, e ninguém queria falar. Tudo bem que não abordei muita gente, mas dava para ver no jeito que eles olhavam para alguém com um gravador e um bloco de notas. Fui subindo a rua, observando o marasmo do sábado de manhã, que já era tarde.

Vi uma velhinha com uma cara feliz. Ela com certeza não ia se negar a falar. Estava olhando uma vitrine quando eu me aproximei.

– Com licença Senhora. Escrevo para a revista Paulistana, estou fazendo uma reportagem sobre a Rua Augusta, poderia conversar com a Senhora?

– Sabe meu filho, meu tempo de Augusta já passou. – Ela falou isso meio rindo, e já saiu andando.

Me deixou com a revista na mão, sem reação.

Isto me desestimulou completamente. Dois não em menos de dois quarteirões, foi foda. Decidi abortar a reportagem, tinha mais três semanas para entregar a matéria. Subi a rua fazendo algumas anotações, não falei com mais ninguém. Parei em um barzinho que tinha no caminho. Era em uma viela. Bonitinho o lugar. Ia ser melhor se fosse um típico coffe shop em Amsterdã. Ficaria ali fumando o dia inteiro, curtindo o ambiente, a leveza do ar. Tomei um cappuccino e comi uns pãezinhos de queijo. Era quase uma hora já. Enquanto fumava um cigarro uma garota sentou no banco do lado do meu, ficou me olhando. Pensei: “Me sinto um lixo, devo estar com uma aparência detestável, mais ela esta olhando para mim. Que bom!”

– Oi, você não quer dar uma entrevista para revista Paulistana? – Usei este argumento escroto para começar a falar com ela.

– Não, só quero tomar um café. – Merda, ela devia estar me olhando e pensando “como alguém chega a esta situação?”

– Sozinha? – Já que tinha começado, compensava tentar alguma coisa.

– É. Você não toma cappuccino sozinho? Eu tomo café. – Queria mandar ela a merda, mais me contive.

– Você é sempre tão gentil assim ou hoje tem

alguma razão especial? – Pedi para a mocinha que me atendeu ver quanto tinha dado a minha conta. A garota ficou me olhando no olho. Ela estava indignada com alguma coisa. Achei que ela ia começar a me falar merda e não pararia mais. A mocinha da lanchonete voltou.

– Quatro reais senhor. – Na hora pensei: “Putá merda! Comi quatro mini pães de queijo e um cappuccino. Não é possível que tenha ficado quatro mangos!” Dei uma nota de cinco para ela. Virei para olhar a mina de novo e ela não estava mais lá. Subi a rua fazendo mais anotações para ilustrar a reportagem.

Chegando na Paulista comprei cinco maços de cigarros paraguaios. Era metade do preço dos nacionais e eu fumava menos, porque eram horríveis. Olhei no bolso, tinha menos de dez mangos e não tinha feito nada que prestasse com o que tinha gasto. Por ali também comprei mais um passe de ônibus de outro camelô. Economizei vinte centavos. Tinha menos de sete mangos e umas moedas.

Continuei descendo a rua da luxúria até o fliperama. Cinco fichas. Joguei algumas na máquina de futebol. Eu era viciado, mais sempre tinha outro mais viciado para me fuder. Joguei quinze jogos. Ganhei dez e perdi cinco. Três foram do mesmo cara, mais ganhei duas dele. O melhor foi um alemão que perdeu cinco de mim. Seguidas! O cara até que jogava bem,

mais ele pegava a Jamaica, a defesa era uma merda.

Fui para a Paulista pegar ônibus três e meia, tinha cinco reais no bolso. Não tinha feito porra nenhuma e tinha gastado toda minha grana do fim de semana em poucas horas andando na Augusta. Merda!

Cheguei na praça perto do prédio quase cinco horas. O trânsito estava movimentado na Rebouças. Tinha uma vontade controlável de destruir todos os semáforos daquela porra. Sentei num banco e fiquei parado lá, fumando cigarros e lendo um livro. Tinha um monte de mulher com filhos brincando em volta. No fim do dia estava sem grana, sem material para reportagem e sem uma bela tarde de sábado.

The dream is over again

Não sei como nem porque chegaram até mim, mas vi pelo olho mágico que tem um homem fardado com uma pasta preta na mão na minha porta, que deve estar querendo saber um monte de coisas que fiz e não lembro. Ou pior. Ele sabe o que fiz, e eu não. Enquanto isso estou no banheiro dando descarga em todo meu kit sobrevivência. Porque? Porque estou desesperado? Salvei do meu delírio parte da maconha e os comprimidos amarelos e azuis. Adeus morfina, comprimidos brancos e cápsulas, mescalina e cocaína. Tim-Don. Campanha de novo. Faz quanto tempo que este cara está lá esperando? Tomei um comprimido amarelo e abri a porta até o limite do pega-ladrão. “Então, o Senhor está bem?”, ele pergunta. “Sim, não. Há algo errado comigo?”, respondo tentando tirar alguma coisa errada da cara. “Não, foi só uma saudação amistosa.” “Claro, sim. Estou bem, e o Senhor?” Percebi que ele estava me tratando estranho, como se talvez um culpado. “Sou policial inspetor do serviço social e comportamento moral e cívico. Posso entrar por um minuto?” “Não!.....sim.....claro, só um minuto.” Fechei a porta e corri para dentro duas vezes mais desesperado. Peguei um cobertor e joguei em

cima da mesa, varri toda a mesinha de centro num saco de lixo, acendi um cigarro, um incenso e coloquei um sabonete para ferver. Tim-Don; Tim-Dom. Passei água na cara, perfume, penteei o cabelo, coloquei uma camiseta limpa, pinguei um colírio e joguei água em todo mármore do banheiro. Tomei mais um comprimido de não tenho certeza o que. Tim-Don; Tim-Dom; Tim-Don; Tim-Dom. Abri a porta como se nada tivesse acontecido deixei ele entrar.

Para onde olhava via um crime em andamento. No cinzeiro, na estante, dentro do copo, no prato, a minha casa inteira era uma prova incontestável de total desprezo as leis e ao contrato social estabelecido por Hobbes, com apoio incondicional do seguro desemprego e de Bukowski. Estava num período de transição de alcoólatra para drogado meio bêbado. Os psicólogos diziam que isso era bom. Não sei bem qual vai ser a opinião do policial inspetor. Parecia uma boa hora para ter uma arma. De algum jeito ela ia ajudar a resolver tudo de uma forma rápida e indolor. Liguei a cafeteira e disse para ele sentar na cozinha. “Então, recebemos uma queixa da agência de empregos comunitária de que o Senhor não tem comparecido as entrevistas de emprego nem aos cursos de capacitação profissional. Também não tem preenchido os relatórios on-line de atividades diárias. O que o Senhor tem feito ultimamente?” “Estou me empanhando

em escrever um livro. Um best-seller inevitavelmente. Paralelamente a isso sou vocalista de uma banda, os Ratos Limpos, estamos pensando em gravar nosso primeiro EP.” “Sim, é muito bom desenvolver os dons artísticos, mas o Senhor entende que precisa fazer mais?” Se ainda tivesse minha dose pessoal de láudano para emergências diria que esta é uma emergência.

Enquanto esperava a boa vontade da cafeteira o inspetor policial levantava a ponta do cobertor para ver o que tinha embaixo da mesa. Tirei duas xícaras de lá e olhei para ele com uma cara de “para de chertar!” “Porque a mesa esta coberta com o cobertor?” “Podemos tirar ele, mas quem sabe o que vai sair daí? É melhor deixar quieto o que esta quieto, não?” O oficial ficou me olhando com cara de reprovação, e para desviar a atenção acendi um cigarro e levei ele para a sala. “A janela é maior, e a fumaça incomoda menos.” “Na ficha do Senhor também consta que o Senhor tem um problema com drogas e bebidas alcoólicas. Como o Senhor esta lidando com isso? Tem comparecido as reuniões de Recuperação Motivacional?” “Sim. A psicologa me tirou do grupo e estamos fazendo grandes avanços. Ela acha que estou alguns passos a frente dos outros. Tenho diminuído drasticamente o consumo de drogas e álcool. Tenho feito tanto esforço que as vezes dói, por isso talvez tenha perdido um ou duas entrevistas de emprego.” “Estas pontas de baseado no

chão, estas revistas pornográficas no sofá, estes filmes velhos, as garrafas vazias, isso tudo não teria nada a ver com estas faltas?” “Talvez.....não.....tenho me esforçado muito, diminui bastante, mas não disse que parei.”

O inspetor soldadinho começou e me olhar estranho de novo. Já tinha me afundado todo na merda. “O que não entendo é como Senhor pode gastar tanto dinheiro com estes vícios recebendo apenas o benefício social mensal? Se o Senhor tem outras fontes de renda não pode receber os benefícios.” “Não..... não, eu não tenho outra fonte de renda. As pessoas vem aqui e me dão isso. Tudo bem, algumas vezes eu peço, mas nunca gasto dinheiro com isso.” “Então, deixa ver se entendi: o Senhor pede as coisas para as pessoas e elas dão? Sem o Senhor apontar uma arma para elas, claro, e sem nada em troca.” “Não.....claro, sem armas. São alguns amigos, que me ajudam quando preciso.” “E o Senhor pode me fornecer o nome de quem ajuda o Senhor com drogas quando o Senhor precisa?” Acabou o julgamento. Ele deu o veredicto e era cair e cair e cair. Para ele é só colocar meia duzia de “x” num formulário. Os comprimidos já não são mais suficientes para conter a tremedeira. Cocaína ajudaria com os sintomas do desespero e a coragem suficiente para levantar e sair correndo daqui rumo a lugar nenhum.

Porque não havia mais nada para fazer me pareceu que o melhor era barganhar para não ser preso ou denunciado, porque não há nada tão ruim que não possa ficar pior. Com as cartas na mesa restava jogar o jogo. O que me fez lembrar que tudo que joguei na privada ia fazer mais falta do que podia imaginar. De novo de volta para pinga com limão. “O que vem agora?” “Seus benefícios serão cortados pelos próximos seis meses. Neste tempo esperamos que o Senhor continue com acompanhamento psicológico, abandone o vício e se esforce mais para arrumar um emprego.” Atingir o bolso é sempre o melhor estímulo que um homem pode ter para buscar algo melhor para si mesmo. “Com certeza, vou me esforçar mais para, com a ajuda de Deus, afastar de mim este terrível mal que me atinge. Desculpe-me por ser um peso.” Toda repugnância do mundo estava estampada na cara dele. “Tente se recuperar e restaurar sua dignidade.” Ele tirou a minha ficha da pasta verde e marcou ela com um carimbo vermelho escrito “viciado”, depois guardou ela numa outra pasta preta, se levantou, fechou a porta e foi embora.

Passagem só de ida para o inferno

Aquilo era um velório e estava tão animado quanto um velório pode estar. Os mais próximos lembravam os bons momentos do Carlos. O sucesso nos negócios, a festa de casamento, quando ele tocava baixo com o Blue Moon na faculdade. Por outro lado o resto comentava sem muita descrição que ele não tinha sido o melhor ser humano de todos os tempos. Não tinha sido bom pai, nem bom marido, nem bom com os coleguinhas escola. Drogado, sacana, pilantra. Dane-se, agora tudo isso não importava mais. A Márcia estava sentada numa cadeira em frente ao caixão há horas. Talvez o mais triste aqui seja ver uma mulher vistosa como ela achando que a vida acabou só porque ficou viuva. Será que ela se lembra de quando a gente tinha 13 anos e brincava de inspeção do corpo humano na fazenda do pai dela? O Pamonha apareceu, porque era primo do defunto, e leu meus pensamentos. “Nem parece que ela pariu três pirralhos né não?!” Percebi a mãe dela saindo com as crianças e vi que ela estava sozinha, curvada e com a mão no rosto. “Respeita o momento de dor dela seu animal. Vou cumprimentar ela.”

O salão era grande o suficiente para no meio do

caminho eu pensar que não tinha nada para falar para ela. “Você sempre mereceu algo melhor” era tudo que passava pela minha cabeça. Então peguei duas xícaras de chá e me aproximei devagar. “Oi Marcinha, todo mundo aqui acha que você merece uma xícara de chá.” “Obrigado Marquinho. Sei que vocês não eram muito próximos, mas está sendo muito difícil para mim.” Sentei do lado dela e a abracei como um bom amigo querendo confortar uma amiga muito triste. “O mais importante agora é estar a disposição para te ajudar no que for preciso.” Enquanto eu sentia a mais tenra respiração de um abraço fraternal meu pai atirava olhares de ódio e raiva na nossa direção. “Meus pêsames Márcia. Qualquer coisa que você precisar.... ficar com as crianças, ajudar na casa.....pode contar a gente.” “Obrigada Tio. É bom contar com a família neste momento.” “Marcos, sua mãe está precisando de ajuda na cozinha. Vá lá e veja o que ela precisa.” Mensagem compreendida. Meu pai fez questão de me acompanhar para longe. “Deixa a sua prima em paz. Tudo que ela não precisa é de alguém como você do lado dela agora.”

Saí procurando alguém para me escorar. Não queria ser encontrado por alguma tia que não via a anos e cair numa sessão de nostalgia sem fim. Vi o Pamonha com a Gil e a Fer fumando um cigarro lá fora. “Agora a gente só consegue se encontrar em ve-

lório?” Não entendi porque a Gil estava lá. A Márcia não gostava dela porque virava e mexia ela e o morto estavam na mesma cama. Depois de um tempo ela dizia que tinha dó da Márcia por ela ter que conviver com aquele cretino. E era verdade. Para ela era como se não tivesse acontecido nada. “Vamos beber à morte deste filho da puta hoje!” “Fala baixo, as pessoas estão olhando.” O Pamonha tinha vergonha de tudo, incluindo ele mesmo. Acabei de fumar e sai de perto deles para confirmar que meu pai estava me seguindo com os olhos. Só para fazer ele ir mais longe fui passear pelo cemitério. Me assustava pensar que um dia era meu nome que ia estar numa daquelas lápides. Acendi um baseado e fiquei pensando em como devia ter sido a vida da Ana Paula de Antunes Parada. Loira, bonita, usando um vestido de verão vermelho com uma fita na cintura correndo na praia. 1978 a 1994. Jovem assim deve ter sido um acidente estúpido ou alguma doença desgraçada. Assassinato corre por fora. Pelo menos ela viveu a década de 80.

Virei a esquina no mausoléu do Dr. Camões e dei de cara com o Carlos. Parado. Encostado com o ombro num túmulo. “Pode comer ela. Não vou ficar bravo. Melhor você que o Pamonha ou o Tonhão.” Olhei para o baseado e depois para ele. As coisas tinham que ter alguma conexão. “As crianças tem as avós. Estou preocupado mesmo é com a Márcia.”

“Você não vai para um lugar melhor?” “Não sei, ainda não vi a luz. Não deixa ela cair na mão de qualquer filho da puta. Você pelo menos não vai roubar ela nem sacanear as crianças. Não parece, mas você é uma pessoa boa. Sempre foi. Posso ver agora.” “Obrigado.” “Faça ela feliz como eu deveria ter feito.” Ele saiu andando e esmaecendo na velocidade em que eu soltava a fumaça presa no peito. Então alguém me cutucou e foi inevitável o grito agudo e vergonhoso. Era o meu pai. “Se recomponha rapaz! Apaga esta merda e venha acompanhar o cortejo.” Todos estavam descendo a ruazinha atrás do carrinho que trazia o caixão. Queria ter dado uma última olhada no corpo antes de fecharem a tampa e lançarem a pá de cal. Queria ter certeza do que vi.

Estava chegando com meu pai e me agrupando com todos quando a Márcia fez um sinal com a cabeça me chamando para perto dela. O Pamonha e a Gil perceberam e deram uma risada sacana na minha direção. As coisas pareciam que estavam saindo do controle. Sentei na cadeira do lado dela tentando entender tudo que estava acontecendo. Ela chorando, as crianças chorando, os velhos chorando, o padre falando. Eu parecia ser a única pessoa do universo incapaz de derramar uma lágrima. Coloquei a mão na cara e me curvei para baixo para demonstrar meu luto e não precisar olhar para ninguém. Não fechei o olho com

medo de ver alguma coisa que me assustasse. Depois de um tempo a Márcia me agarrou, as crianças me agarraram, Meu Deus o que está acontecendo? Como vim parar aqui? Levantei a cabeça e estavam descendo o caixão e todos olhavam para aquela família unida e chorosa. Meu pai lançava foguetes na minha direção com os olhos. Lembrei das últimas palavras do morto: “Faça ela feliz como eu deveria ter feito.” Finalmente comecei a tremer e a chorar desesperadamente.

Ovelhas desgarradas andando no trilho do trem

Helena invadiu o bar como um tiro. Passou pela porta já fazendo estragos e esbarrando em tudo e todos pelo corredor. O Jaime olhou para ela, depois olhou para mim lançando uma bigorna de responsabilidade no meu peito. Meu desejo de desaparecer não foi realizado e ela veio na minha direção cambaleando e rindo. “Como você ousa me deixar dormindo e vem para o bar?” Quem escutasse isso poderia perfeitamente dizer que a gente era casado, ou tinha um caso, ou outra coisa do tipo. Amigos íntimos no mínimo. Eu só tinha vontade de não ser eu mesmo, ser qualquer outra pessoas em qualquer outro lugar. Ela sentou do meu lado e ninguém mais abriu a boca no balcão. Agora eram duas bigornas de responsabilidade na testa independente do que acontecer daqui para frente. Esperavam de mim uma reação. Como não sou bom em reações e em respostas tentei fazer uma cara de espanto que diria por si só: “Não sei do que você esta falando?” Também não funcionou. Então o silêncio e ela continuaram. “Vem comigo que encontrei uma coisa no caminho que vai te levar para o alto e avante.”

Entrei com ela no banheiro feminino. Ela tirou do bolso duas folhas e colocou uma na palma de cada uma das minhas mãos. Depois jogou a cinza de alguma coisa, que só esperava que não fosse de um ser humano cremado, em cima. “O que é isso?” “Cinza de batata doce com folha de coca.” “Coca cocaína?” “Isso. Tempera a folha com esta cinza e masca como um chiclete.” “E tem o mesmo efeito?” “Não, só vai amortecer sua cara. Você também vai precisar disso.” Ela tirou da bolsa uma cápsula com um pó meio azulado e fez duas carreiras em cima da pia. “Isso é cocaína?!” “Não, é uma mistura de remédios com bicarbonato, para dar um gostinho. Agora masca isso e cheira aquilo que cocaína vai parecer leite com chocolate.” A folha tinha um gosto amargo, e as tais cinzas de batata doce pareciam areia entre meus dentes. O bicarbonato começou a espumar na minha garganta e tinha a impressão que estava babando uma gosma branca. Comecei a me retorcer como um cão sarnento e sentia que qualquer contato com o mundo externo poderia ser um desastre em potencial.

Sai do banheiro no estado que a Helena entrou no bar, e agora eramos sem dúvida um casal. Voltamos para o balcão alegres e felizes como dois gansos com espasmos depois de comer um peixe envenenado. Pedi duas cervejas e o Jaime ficou me olhando com cara de reprovação e raiva. Tirei uma nota de vin-

te do bolso e duas latas apareceram no balcão. Fiz um ar de durão e olhei nos olhos dele enviando uma mensagem telepática que dizia: “Quero mais!” Ele colocou mais duas dozes de vodca na nossa frente e recebi uma mensagem telepática dele que dizia: “Beba isso e saia do meu bar!” Fingi que não escutei. A Helena me agarrou e me deu um beijo. Nossas línguas se entrelaçavam com uma leveza estranha perto do frenesi de nossos corpos. Tinha pouco ou nenhum controle dos meus movimentos. Minhas mãos se apertavam com tamanha força que pareciam que iam implodir. Acho que perdi completamente o eixo referencial e me senti no chão porque não conseguia mais me equilibrar na cadeira. Isso cortou meu mundo pela metade e só conseguia enxergar as pessoas da cintura para baixo, cobertas por uma névoa e sem foco.

O Jaime pensou que era uma overdose e começou a me arrastar para fora. “Ninguém vai morrer desta merda dentro do meu bar!” A Helena gritava com ele enquanto me segurava pelo pé. “Larga ele seu velho maldito!” Eu era a corda do cabo de guerra, que foi vencido pelo Jaime. A Helena caiu aos meus pés e pude sentir suas mãos escorregando pela minhas pernas como numa cena de cinema antigo, quando o mocinho está sendo carregado pelo bandido e a mocinha fica no chão, com as mãos no rosto, chorando copiosamente. “Não, por favor, não leve ele...” Mas

isso não era um filme, nem eu um mocinho, nem ela uma mocinha e o Jaime sim era um bandido filho duma puta. O insensível me arrastou até a esquina do bar e me largou meio escorado num poste. A Helena veio em meu socorro e tentou me carregar pelo ombro. Caímos os dois juntos novamente como se aquilo representasse o fracasso total de nossas vidas. E ela chorava enquanto eu me perguntava porque ela ainda estava de pé depois da degustação de cinza com folha e pó, e se meu corpo estava se transformando em água e se esvaindo em suor.

Me senti vivo de novo com os primeiros raios de sol na cara antes que fosse de manhã. Estava todo travado e encolhido na sarjeta, e ela estava caída embaixo do toldo da doceria que funcionava durante o dia do lado do bar. Os senhores e senhoritas que passavam nos olhavam com um espanto que fazia eu me sentir um pouco melhor, mas nem de longe amenizava as dores. O Jaime estava varrendo a calçada da frente como se aquela espelunca fosse um ambiente de família e a cozinha um lugar limpo. Ele me olhava com raiva como se gritasse: “O que você ainda está fazendo aqui!? Volta para o seu buraco!” Demorei uns dez minutos entre acordar e conseguir me mexer. A comunicação do cérebro com os membros se dava através de pequenos sinais elétricos, como um computador com Windows travando para rodar um vídeo.

Cada osso do meu corpo se estralou, e os músculos estavam em frangalhos quando levantei. Agora parecia que tudo ia ficar bem. Acordei a Helena e saímos dali antes que alguém do serviço social pudesse nos fazer algum mau.

Manhãs de 2002

Acordei às cinco e meia da manhã. Isto não é hora de gente acordar, é madrugada, ainda está escuro. Concordo que algumas pessoas acordem esta hora, como, por exemplo, meu avô, que levanta esta hora porque gosta. Ele limpa a gaiola dos passarinhos, joga água no jardim e faz um monte de outras coisas, que eu não quero fazer, porque não quero acordar esta hora.

Eu tinha menos de vinte minutos para estar no ponto e pegar o ônibus que me levaria para faculdade. Tinha meio baseado no meu cinzeiro, estendi a mão e peguei ele. Liguei o som e acendi a ponta. Fumei enquanto me arrumava, peguei uma roupa que estava no chão. Estava usando ela há três dias. Uma calça jeans, camiseta preta do Led Zeppelin, tênis preto com a sola furada, cuecas e meias brancas.

Fazia tudo isso no escuro, a luz agride meus olhos. Nunca ligo a luz depois que levanto. Prefiro ver a luminosidade do dia, acho que as lâmpadas são parte de uma conspiração de oculistas. Sempre que você liga elas quando acorda o olho arde, e cada vez você enxerga menos parte e com letras embaçadas. Primeiro precisa de óculos, depois aumenta o grau e

por fim você começa a pingar colírios para não ficar cego antes dos cinquenta anos. Tem muita gente lucrando com isso.

Sai do quarto quinze para as seis e meu avô falou: “meu filho, você está atrasado, vai perder o ônibus.” Eu sempre estava atrasado, e nunca perdia o ônibus porque ele nunca saía no horário. Fui até a cozinha e enchi um copo de refrigerante. Tomei em três goladas, entre uma e outra conversava com meu avô. Era gostoso trocar uma idéia com ele de manhã. Ele sempre falava: “meu filho, não toma esta porcária assim logo que saiu da cama, faz mal” e eu respondia: “eu sei vô, mas estou atrasado, não dá tempo de fazer um copo de leite”.

O ponto ficava a três quarteirões e meio da minha casa, levava menos de cinco minutos até lá. Era sempre as mesmas pessoas no mesmo lugar. Digo não na mesma esquina, me refiro ao mesmo ponto do universo. Eu chegava entre trinta segundos e um minuto antes do ônibus passar. Era tudo calculado e sempre tinha um, ou uma, que falava: “por pouco você não perde o ônibus.”

Entrei, fui para o meu banco no fundo e deitei. Eram o último e o penúltimo da fileira da direita. Pegava os dois para poder esticar as pernas. Ninguém sentava neles antes de mim. Ninguém vinha sentar do meu lado, sabiam que eu queria ficar esticado e con-

fortável. Em três longos segundos estava dormindo tão bem quanto na minha cama.

Acordei uma hora depois, na rodovia que levava até meu Campus. Sempre acordava no mesmo lugar todo dia. O ônibus tinha que fazer um retorno, eu acordava exatamente a hora que ele estava entrando no retorno. Pensava: “só tenho mais uns dois minutos de sono”, fechava o olho e dormia de novo. Ai alguém gritava meu nome lá na frente, eu levantava e descia.

Estava exatamente do mesmo jeito letárgico que acordei às cinco e meia. Minha camisa estava toda amassada, e molhada de suor. Os bancos de couro me desidratavam. Meu cabelo estava todo remexido e meu hálito insuportável. Não tinha nenhum aluno na faculdade, só o pessoal que trabalhava lá e tinha que acordar tão cedo quanto eu e as meninas da minha cidade que estudavam nesse Campus. Eram três, que só falavam em sexo e casamento. As três iam para o refeitório enquanto eu ia para o banheiro. Limpava a cara, escovava os dentes e penteava o cabelo. Eram sete e meia quando saía do banheiro, duas horas depois de levantar me sentia vivo.

Fui direto para o estacionamento, era grande, cheio de pedrinhas. Tinha cinco carros no máximo, ninguém chegava antes das oito. Tinha uma árvore grande no meio, dava para escalar e ficar a uns dois metros do chão e na sombra. Subi e acendi um fino,

tinha mais quatro num maço de cigarros. Fumei em dez minutos e as dez para as oito estava sentado no refeitório com as três que viajavam comigo. Me sentia em outro planeta conversando com elas, não concebia a possibilidade de existir gente tão estranha. Uma ganhava trezentos reais por mês em um estágio e não tomava café da manhã na cantina para economizar e comprar um enxoval. O namorado dela trabalhava em alguma coisa, ganhava quinhentos reais por mês, eles iam se casar em um ano e meio, quando ela terminasse a faculdade.

A mais nova tinha dezoito anos, as outras duas tinham vinte e três. Em seis meses a novinha tinha sido hipnotizada pelas perversas bruxas velhas. Estava namorando há três meses e não sabia como chupar um pau. Eu estava exalando alegria por estar ali com elas, depois de ter ido dormir as quatro e pouco e acordado as cinco e meia, e tive que agüentar uma delas virar para mim e perguntar: “como você gosta que faça com você”. Minha vontade foi de responder: “vamos ao banheiro e eu te falo”, como não controlo minhas vontades como deveria foi o que falei. Elas olharam pra mim com uma cara de merda e a que tinha jeito de ser mais experiente explicou para ela.

A aula começava as oito, eram cinco para as oito quando o pessoal começou a chegar. Tinha um cara da minha classe que chegava sempre a mesma

hora, dois para as oito. Devia ter uma rotina tão boa quanto a minha. Ele chegava, passava pela mesa que eu estava e falava: “vamos para classe?”. Eu não respondia, levantava e ia. O papo no corredor era sempre o mesmo, ele virava para mim e falava: “já fumou hoje?”, eu respondia: “já, mais vou fumar mais”.

Minha classe tinha seis alunos, sempre que a gente chegava na classe tinha uma garota lá já. Ela não falava com ninguém, era mais feia que o normal, conhecida como Bocão. Não sabia como ela chegava na faculdade, era um dos primeiros a chegar, via todo mundo que passava, mais nunca ela. Sentamos no tablado, acendi um cigarro e começamos a conversar. Falávamos de som, de jornalismo e de mulher. Mostrei para ele um livro do Poe que estava lendo, ele se animou com os contos e pediu emprestado. Como não empresto nada ele acabou pegando na biblioteca. A Bocão começou a reclamar que eu estava fumando dentro da classe, pedi desculpas a ela e fui fumar na porta da classe. Não mudou muito a situação dela, que me olhava como quem quisesse me apedrejar.

A professora chegou e só tinha metade da classe presente, as quatro aulas iam ser com ela. A matéria era prática, então não tinha muita aula na verdade. A gente fazia um jornal para a faculdade, mais ele nunca saiu do computador. Fomos para o laboratório, eu e o cara tínhamos feito uma reportagem sobre o bairro

mórbido em que a faculdade ficava, entregamos tudo, então não tinha o que fazer.

Sentamos na escada na frente do laboratório e ficamos conversando. Começou a juntar um monte de gente. Primeiro chegou o outro cara da minha classe todo empolgado com um vídeo que ele estava fazendo. Depois veio às outras duas minas da minha classe perguntando: “o que a professora vai dar até o fim do semestre? Vai ser sempre assim agora?”. Respon-di que esperava que sim. A professora apareceu para conversar também, já era muita gente para mim. Não gosto de ficar no meio de muita gente, todo mundo conversa ao mesmo tempo e ninguém fala nada.

Fui até a rodovia que ficava na frente da facul-dade, tinha um ponto de chapa lá. Nem chapa acorda-va tão cedo como eu, eles chegavam as nove e ainda era oito e quarenta. Sentei no banco de um deles e acendi mais um fino. Fumar vendo o movimento da rodovia era muito louco. Ficava sentado a uns dois metros da pista, ninguém olhava para mim. Eu obser-vava todos que conseguia. Tinha famílias, gente indo trabalhar, universitários vindo de suas cidades e mais um monte de gente que ia para algum lugar porque não tinha nada melhor para fazer.

Voltei para o laboratório as nove e dez. Todos tinham saído da escada a uns cinco minutos, agora estavam verificando seus e-mails no computador. A

única coisa legal nesta aula era ficar na frente do computador a manhã inteira usando a conta de telefone da instituição. Sentei em uma máquina e comecei a pesquisar para ver se achava algum conto do Lovecraft para fazer download. Fiquei lá até nove e meia, sai para o intervalo com o pessoal da classe.

O louco do vídeo continuava animado, estava viajando em concorrer ao Oscar um dia. Ele percebeu que meu olho estava trincado. Ficava com o olho vermelho e a cara amaçada o dia inteiro, e ela só foi perceber quase dez horas. Começou a me encher o saco porque eu não tinha chamado ele para ir fumar. Tinha mais dois baseados, então chamei ele para fumar. Fomos para um viaduto que tinha perto da faculdade, o mesmo que o ônibus que me levava e buscava usava todas as manhãs. Ficamos olhando o movimento da rodovia. Olhar de cima era como uma aventura em alta velocidade. Mirávamos um ponto e ficávamos olhando fixamente para parecer uma corrida de Fórmula 1. Ou a gente ficava cuspiando, tentando acertar os carros. O problema era que não tínhamos saliva para mais de duas cusparadas cada um.

Voltamos para o laboratório as dez e vinte. As três meninas da classe já tinham ido embora. Só o cara que eu sempre encontrava de manhã ainda não tinha ido. Ele estava esperando a gente na esperança de que tivéssemos tido alguma idéia do que fazer. A profes-

sora ficava sentada na frente do computador diagramando o jornal, ela estava tentando fazer isso há duas semanas. O loco foi para a editoração decupar o filme dele. Eu e o outro cara da minha classe voltamos à escada para conversar. Ficamos falando sobre os Ramones das dez e meia até as onze e quarenta. Depois disso ele foi embora. Esta era a hora que teoricamente acabava a aula.

Fui para o refeitório, às garotas da minha cidade estavam sentadas com todas as outras da classe dela, todas faziam artes plásticas e falavam de sexo e casamento o tempo todo. Eram duas mesas juntas, com umas quinze delas, e só duas gostosas. Mais as duas davam conta do recado, uma tinha um corpo perfeito, conhecido como “violão”, era loira e tinha cara de vadia sacana. Namorava há dois anos e já pensava em casar. A outra fazia o jeitinho “donzela”, era magrinha, toda sensível, e tinha os peitos mais bonitos que eu já vi. Namorava um cara que era não sei o que no exercito, já era noiva. Desesperador ficar vendo as mulheres de hoje jogando a vida fora.

Todas me conheciam, me achavam uma “gracinha”, com exceção de uma que sei lá porque tinha medo de mim. Elas diziam que sempre que ela começava a fazer alguma besteira na classe alguém falava que ia me chamar, ai ela fechava a cara e ficava quieta. Ficava sentado com elas até o meio dia, que era quan-

do todas iam embora e só ficava as três que esperavam o mesmo ônibus que eu, que só passava meio dia e quarenta.

Levantei e fui para o banheiro. Bati minha punheta matinal para as duas beldades do curso de artes. Sai e fui fumar o último baseado que me restava, fiquei andando em volta da faculdade, onde era tudo sombra, fazia um calor de rachar. Voltei para o refeitório meio dia e meia, as meninas não estavam mais lá, já tinham todas ido para a escada perto da saída onde o ônibus encostava. Ele apontou na reta na mesma hora de todos os dias, meio dia e quarenta. Entrei e fui para o meu banco, o último da direita. A janela abria mais que a do penúltimo, e o calor me fritava. Deitei e em menos de três segundos estava dormindo.

Espantalhos perdidos em busca do anzol de ouro

Sempre que Neb vinha andando pela Praça Ramos no fim da tarde ele tinha certeza que os bons tempos não viriam. Dava para ver na forma como a polícia olhava para as pessoas, na salsicha passada do cachorro-quente barato que ele vinha comendo. Tudo gritava que mudança era um luxo que não estava reservado para ele. Se fosse para mudar já tinha mudado. Por isso, que ao invés de ir para casa esperar tudo que não estava guardado para seu futuro brilhante, ele foi procurar alguma coisa no fliperama. O Rato estava arrebrandando um lorpa do Virtual Eleven e o Benzina devia estar desfrutando da mesma ficha no pinball há horas. A Cati dava uma volta na máquina sozinha no Daytona. Ele sentou no cockpit do lado dela com um baseado na mão. “Desiste, não dá para ser melhor do que eu.” “No Street Fighters talvez.”

Os dois saíram de lá e foram andando até a 9 de Julho. Um dos lugares mais tranquilos para se fumar um baseado são os tuneis da cidade. Só carros, buzinas, batidas de grave. Eles entraram uns cinquenta metros dentro do buraco e se sentaram no meio da estreita passagem de pedestres. “O que aconteceu?”,

ela perguntou. Ele passou o beck. “O Crucificado vai sair da banda. Passou numa faculdade no interior.” “Acha outro baixista. Estamos em São Paulo.” “Não é assim, ele era o cara certo. Temos uns shows marcados já, estamos no ponto para decolar.” “E o que você vai fazer?” “Nada.” Eles ainda ficaram ali um tempo, fumando um cigarro e chegando o mais próximo do sexo que era possível num local público. Quando foram surpreendidos por um transeunte desavisado consideraram que era um sinal do pico dizendo que já era hora de sair de lá. Continuar a vida. Enquanto o oportunista para explorar todo talento daquele jovem não se revelasse restava lavar pratos e servir mesas. No Friday’s. Fantasiado de marinheiro. Até a meia noite. “Você é o Popeye?” era o mais perto de um elogio que Neb escutava de seu público.

Desempregado, os dias de entre-safra de Rato estavam bem parados. Ele não tinha nada para fazer, acordava sem vontade de fazer coisa alguma, então não procurava nada. Por consequência passava o dia sem fazer nada esperando a oportunidade da sua vida aparecer depois de uma vitória numa máquina de futebol. E ele tinha centena de manchetes perfeitas para capas de jornais que jamais serão vendidos. E ele tinha milhares de idéias sobre músicas, vídeos e fotos. E tudo isso valia milhões, que ninguém queria pagar. Se sua vida fosse um filme com certeza seria

um blockbuster. Sua rotina seria o maior seriado de TV de todos os tempos. Mas aquela terça-feira poderia ser o fim do calvário. (música do Guns n' Roses no toque do celular). “Alô” “Você é Rafael Ramella?” “Quem?” “Rafael Ramella.” “Também sou inocente.” “Com certeza sim. Sou James Crackhaur. Represento a gravadora escandinava Vallorià e gostaria de falar sobre uma proposta. Posso ir a um ensaio da sua banda?” “Não, não hoje.” “Ok. Podemos nos encontrar no hotel Malaya?” “Sim, daqui a duas horas no bar.” “Ok. Aguardo o Senhor no bar.”

Como a maior parte das coisas da vida de Rato não faziam muito sentido, ele não parou muito para pensar naquela situação. Saiu correndo pela Praça da República na caça de Neb. Entrou no Friday's todo afobado e desajeitado. Abriu espaço e em meio a protestos pulou o balcão e foi até a pia. “Acabou. Um tal de Crack sei lá o que me ligou. Eles vão contratar a gente. Você conhece a gravadora Velo qualquer coisa? Da escandinava.” “Não, o que tem eles?” “Eles que vão contratar a gente. Vamos, temos que estar no hotel Malaya em menos de duas horas.” Com o sucesso dependendo apenas de um rabisco num pedaço de papel Neb tirou seu avental e simplesmente saiu andando pela porta da frente. “Se você for não volte!” Quando se chega neste ponto é porque não se tem muito mais o que pensar. Perguntas e duvidas podem ser um obs-

táculo desnecessário até o cume do gráfico da vida. “Como a gente vai fazer sem o Crucificado?” Para Neb a banda já estava com um pé na cova, e agora invés de inferno o caminho era direto para ao paraíso. “Quando ele souber disso vai mandar a faculdade para merda.” Para Rato sempre foi questão de tempo, e o inevitável começava a virar realidade.

Só quando entraram cercados de olhares pelo salão do hotel Malaya começaram a desconfiar de que não tinham a menor idéia do que estavam fazendo. Um funcionário bem vestido e engomado se aproximou do dois. “Boa noite. Os Senhores estão procurando alguém?” “Temos um encontro no bar do hotel.” O Rato estava quase eufórico. “Algum em especial?” “Como assim algum?” “Temos três bares.” O lacaio gesticulava e apontava. “Um no lobby, outro na piscina e um terceiro no segundo andar.” “Não sei.” O Rato olhava para o Neb e o Neb olhava para o Rato. E nenhum dos dois sabia mais o porque estavam ali. “Os Senhores vão encontrar um hóspede?” “Talvez. O nome dele é Crack alguma coisa. Ele é de uma gravadora escandinava.” “Vou verificar. Me acompanhem por favor.”

Como cães perdidos a procura do dono os dois foram até a recepção. Uma mocinha aparentando ser muito prestativa e simpática disse que havia um recado que indicava que o Senhor Crackhaur aguardava

a chegada do Senhor Rafael Ramella no bar Shine. “Sou eu! Aonde é este bar?” “No lobby Senhor.” Respondeu a jovem apontado para o lado. Sem nenhum obrigado os dois foram sérios no caminho indicado. Quando entraram no salão o Crucificado, o Manco e o Cadu estavam sentados no bar. Neb e Rato ficaram estáticos, com cara de quem acabou de entrar numa sauna gay por engano. Não tinha mais ninguém, e quando eles voltaram os olhos para o trio estavam os três rindo freneticamente. Com a mesma voz e sotaque do telefone o Cadu falou: “Sentem para escutar uma proposta Senhores.”

Sem ter mais nada a perder o Rato cruzou o salão correndo e pulou com o pé no peito de Cadu, que ainda não conseguia parar de gargalhar. O Cadu voou para dentro do bar carregando consigo copos, garrafas e cinzeiros e tudo mais que estava no caminho entre ele o balcão e o chão. “Eu vou te matar seu bastardo filho de uma puta!” Com toda fúria de alguém que teve todos os sonhos arrancados como gordura encrostada num fogão velho o Rato avançou por cima do balcão, e os dois começaram a se atracar pelo chão se debatendo e quebrando qualquer coisa que tivesse no raio de ação da batalha. Neb ficou imóvel como uma barata que finge estar morta para afastar o perigo até perceber a movimentação dos seguranças e as sirenes da polícia cada vez mais perto. Então saiu sem ser notado e voltou para o Friday’s com a única esperança de ser perdoado.

Fatos Cotidianos 6 – Perdendo as estribeiras

Hernani era um cara comum de classe média. Um dia sua família teve algum dinheiro, mas hoje só restaram dívidas. Razoavelmente grandes. Na verdade impagáveis. O sistema tributário não ajuda. A mesma história de muito de seus amigos. Os planos econômicos das duas últimas décadas do Século XX transformaram o sinal de mais para o de menos nos extratos bancários dos Brito Cavalcanti.

Isso o transformou em uma pessoa revoltada e descrente da vida. Revoltado porque via os políticos punirem sua família com dívidas. Porque ele tinha a dívida como sua também. Porque imaginava que nunca conseguiria pagá-la. Seu maior espelho era seu pai. Ele o via sair e trabalhar duro, e depois voltar estafado e mal humorado. Todos os dias. Sem resultado nenhum. Os bons tempos, com sorrisos e viagens, não aparecia no fim do túnel. Juros era a palavra que ele mais odiava. Uma vez ouviu o pai dizer que só em juros já tinha pagado duas vezes a dívida inicial da família.

Com 23 anos Hernani começou a sentir de perto a agonia do velho pai. Trabalhava feito um louco.

Treze, quinze, dezesseis horas por dia! Com dedicação e vontade. Domingo e feriado. Escutava desaforos de chefes frustrados. Algumas vezes em uma situação que ele já conhecia de longa data. Mas o dinheiro nunca era o suficiente. Suas contas estavam sempre atrasadas. Queria ajudar a família, mas não tinha com o que.

Conforme os dias passavam o descrédito de Hernani na política, na sociedade, na instituição familiar, e na vida em geral, se transformava em raiva. E a velocidade que isso acontecia era assustadora. Não demorou muito para ele culpar a tudo e a todos pelos males pelo qual via sua família passar. Ele realmente queria dar o troco de uma forma em que todos sentissem o peso de sua vingança, em alguns momentos. Em outros instantes poupava os mais próximos.

Aos poucos foi se transformando num psicopata. As coisas aconteceram rápido. O ódio evoluiu com tal voracidade que nem ele mesmo percebeu que tinha perdido o controle. Um lapso aqui, uma agressão gratuita a um cara que pisou no seu pé no ônibus lotado. Outro lá. Quebrou um orelhão por que ninguém tinha dinheiro para pagar a conta de telefone de sua casa e ele foi cortado.

Um dia, depois de trabalhar dezesseis horas e receber um salário miserável, Hernani decidiu passar no supermercado para comprar algumas coisas, para

que a geladeira ficasse ligada por algum motivo. Andou toda a loja, e tudo que seu dinheiro podia pagar ele podia carregar com duas mãos. Mais do que pão, margarina e leite e as contas atrasariam, e os oficiais de justiça voltariam para sua porta.

Colocou a cestinha de lado para andar com as mãos livres e não ficar lembrando o quanto à vida era injusta o tempo todo. Passou pela seção de flores e jardinagem e resolveu cheirar algumas rosas, na esperança de melhorar o ânimo. No que ele se abaixou uma senhora trombou com seu carrinho nele. Ele olhou para a mulher, que com uma expressão rude disse: “Você precisa ocupar o corredor inteiro para cheirar uma rosa?”

Como que por reflexo ele pegou um vaso e quebrou na orelha direita da velha. Ela caiu. O sangue se espalhou por entre as prateleiras. Ele não tinha o menor pingão de remorso, e não fazia questão de esconder. Tentou sair andando numa boa, como se não tivesse acontecido nada. Afinal, a velha tinha caído, e ele tinha dado a resposta que achava justa a pergunta dela. Para Hernani não havia acontecido nada demais. Agora a velha era problema dos médicos e dos netos.

Sua linha de raciocínio o levava a crer que tinha tomado a atitude certa, e não seria justo ser punido. Afinal a velha foi rude. E ele só queria cheirar uma flor. Ela mereceu. Se tivesse sido mais educada tinha

evitado tudo. Ela tinha que ser punida, e ele a puniu.

Mas um cara não concordou com Hernani, e partiu para cima dele. Veio correndo e o empurrou contra uma prateleira. Sua mão se encontrou com uma um tesoura de jardineiro. Pior para o cara. Ele a enfiou no estomago dele.

Então ele sabia que tinha ido longe de mais, agora tinha sido uma reação desproporcional. Viu os seguranças já se aproximando e agarrou um facão, destes de cortar cana. Sentia-se um guerreiro estilhaçando braços, cabeças e barrigas. Fazia movimentos que imitavam um espadachim. Atingiu um de cima para baixo, outro de baixo para cima. Depois lateralmente. Ia abrindo caminho entre os que se aproximavam. Urrava como um guerreiro medieval em batalha. Era um guerreiro medieval em batalha!

Matou mais três pessoas. Não viu da onde veio o primeiro tiro, mas sentiu uma bala entrar perto de seu umbigo. Várias outras o acertaram. Hernani morreu como um marginal. Um louco.

A mídia rapidamente sentenciou e rotulou. “Maníaco do supermercado”. “Psicopata enrustido”. As manchetes eram escrachadas. “Psicopata ‘explode’ em supermercado”. “Sociedade estarecida”. As mídias internacionais também fizeram sua festa. “Brasil vive problemas de primeiro mundo” (sic). “Columbine chega a América do Sul”.

Os programas vespertinos entrevistavam amigos e pessoas que estavam pelo supermercado. Uma mulher disse que ele a seguiu por meia hora. Ela não avisou a segurança por que ele a olhava como um louco. Então ela ficou com medo de que ele pudesse atacar.

Um cara que disse ter estudado com ele seis meses falou a uma apresentadora de televisão tosca que Hernani já havia tentado matar a professora com uma caneta. Matar a professora com uma caneta! Imaginem o escarcéu que a tal apresentadora fez. Nenhum outro estudante foi entrevistado. E este imbecil alegou que eles tinham 9 anos (9 anos!), por isso não lembrava o nome da professora.

As revistas semanais diziam. “Passo a passo: o massacre no supermercado”. “Entenda por que alguém pode surtar”. Especialistas (?) iam a programas com mais credibilidade dizer que qualquer um esta sujeito a isso. “A pressão de um mundo excessivamente competitivo pode causar transtornos irreversíveis”. “Na cabeça dele poderia estar passando que esta seria a única solução para seus problemas”.

Os pais e irmãos de Hernani foram seguidos por jornalistas sanguessugas durante várias semanas. Tiveram que se mudar para um endereço desconhecido. Eles não puderam enterrar Hernani. Ficaram com medo. Ele foi sepultado a três da manhã como indi-

gente. A funerária pública teve a decência de informar a família o jazigo onde ele estava. Mas os impediram de por uma lápide.

Estranhamente várias comunidades virtuais admiravam Hernani. “A coragem que eu não tenho”. “Hernani queria um mundo melhor”. Os maridos passaram a acompanhar suas senhoras no supermercado. Afinal, no resto do mundo elas estavam seguras.

Em dez dias ninguém mais falava sobre o assunto. Começava a preparação da seleção brasileira para Copa América.